



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS - ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**A ARTE DA TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA
PARA O NÃO APAGAMENTO DE LÍNGUAS INDÍGENAS: UM ESTUDO DE
CASO A PARTIR DA TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS DO CONTO “PUNA”
DE *NÓS XS ÍNDIXS*, DE HUGO BLANCO GALDOS**

SUHEIDE ROSA DE OLIVEIRA SOUSA GÓES

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS - ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**A ARTE DA TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA
PARA O NÃO APAGAMENTO DE LÍNGUAS INDÍGENAS: UM ESTUDO DE
CASO A PARTIR DA TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS DO CONTO “PUNA”
DE *NÓS XS ÍNDIXS*, DE HUGO BLANCO GALDOS**

SUHEIDE ROSA DE OLIVEIRA SOUSA GÓES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

Orientadora: Prof^a Dr^a Bruna Macedo de Oliveira Rodrigues

Foz do Iguaçu
2024

SUHEIDE ROSA DE OLIVEIRA SOUSA GÓES

**A ARTE DA TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA
PARA O NÃO APAGAMENTO DE LÍNGUAS INDÍGENAS: UM ESTUDO DE
CASO A PARTIR DA TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS DO CONTO “PUNA”
DE *NÓS XS ÍNDIXS*, DE HUGO BLANCO GALDOS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Bruna Macedo de Oliveira Rodrigues
(UNILA)

Prof^a Dr^a Larissa Paula Tirloni

Prof Dr Mario Rene Rodriguez Torrez

Foz do Iguaçu, 23 de setembro de 2024

Dedico este trabalho à Universidade Federal da Integração Latino-Americana, especialmente às minhas professoras e professores, por todas as oportunidades que me foram oferecidas e concedidas, vocês transformaram e continuam transformando minha vida, serei sempre grata por tudo, obrigada! Friso aqui também meu profundo agradecimento e apoio de minha família, amigas e amigos que sempre estiveram presentes direta ou indiretamente em todos os momentos de minha formação.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa o encerramento de uma importante etapa acadêmica, que só foi possível com o apoio de muitas pessoas às quais sou imensamente grata.

Primeiramente, agradeço a alguma espécie de força maior existente, a qual me guiou para poder concluir essa trajetória.

Tão importante quanto ao meu próprio eu, agradeço a meus dois filhos Heloísa Queiroz de S. Góes e João Paulo Queiroz de S. Góes, por terem aguentado firme com paciência, me dando o carinho, amparo e me apoiando sempre com amor nessa caminhada feita durante minha formação.

Ao meu esposo, companheiro e amigo Márcio de Sousa Góes, meus profundos agradecimentos, por ser uma pessoa que sempre me incentivou a não desistir ou deixar de querer aprender, buscando com seus ensinamentos e experiências dividir comigo o que eu precisava em muitos momentos de minha busca pelo conhecimento.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Bruna Macedo de Oliveira Rodrigues, pela paciência, dedicação e orientação precisa durante o desenvolvimento deste trabalho.

Quero agradecer também a professora Valdilena Rammé, a qual me mostrou o caminho da intercompreensão para que eu pudesse neste trabalho tentar fazer jus ao que aprendi com ela. Enfim, a estas duas mulheres incríveis as quais tenho um imenso respeito e admiração, com sua sabedoria, profissionalismo e comprometimento foram fundamentais para a construção deste estudo, e sou grata pela confiança delas depositada em mim.

Fica aqui também meus agradecimentos aos professores da banca, por suas contribuições, apontamentos e orientações, pois com elas meu trabalho só pode vir a melhorar e incentivar outros trabalhos nessa linha.

Gostaria de estender meus agradecimentos a todos os professores da UNILA, que, ao longo da minha formação cruzaram meu caminho e contribuíram com seus conhecimentos, inspirando-me a buscar sempre o melhor em minha trajetória acadêmica e pessoal.

Não posso deixar de agradecer às minhas amigas, amigos e colegas de curso e fora dele, que também torceram por mim, tornando essa caminhada mais

leve, compartilhando os momentos difíceis, celebrando as conquistas e me incentivando sempre. Suas parcerias foram essenciais para manter meu ânimo e superar os desafios que encontrei nessa trajetória.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse concluído com êxito.

A todos, o meu sincero obrigada!

*Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.*

Cora Coralina.

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe
tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por
isso aprendemos sempre.*

Paulo Freire.

RESUMO

Este trabalho foi realizado a partir da análise reflexiva e comparativa do conto denominado “Puna”, que consta no livro *Nosotros los Índios* (2016 - versão em espanhol), de Hugo Blanco Galdos, traduzido para o português com o título de *Nós xs Índixs* (2022). A tradução em questão foi realizada colaborativamente de 2019 a 2021 no projeto de extensão Laboratório de Tradução da UNILA, e eu como parte integrante da equipe do projeto pude contribuir na tradução para a língua portuguesa. Assim, a partir desta experiência, tenho, neste trabalho de conclusão de curso, o objetivo de analisar e compreender, de maneira comparativa e descritivamente, a importância de se traduzir sem apagar línguas minoritárias contidas nos textos. Neste caso em particular, a língua indígena quéchua, presente na elaboração do texto-fonte do conto “Puna”. Para tanto, foram feitas análises que trataram de descrever de maneira comparativa não apenas palavras e termos dentro do texto, mas também decisões mais amplas, que orientaram o processo de tradução na busca por manter determinadas particularidades do texto-fonte na tradução e, ao mesmo tempo, atender a uma oralidade que se pretendia obter no texto-meta (em português). Nesse sentido, utilizamos como fundamentação teórico-metodológica conceitos como a intercompreensão (Escudé; Del Olmo, 2019), a (re)criação e a transcrição (Campos, 2011), a estrangeirização e a domesticação de textos (Venuti, 1995). Concluímos que as análises feitas entre os dois textos (o original e o traduzido) nos mostram a relevância de se trabalhar com um senso crítico e ativista de valorização das línguas e culturas, especialmente as originárias, sobretudo quando atravessam textos escritos em línguas neolatinas, como o espanhol e o português. Foi possível perceber que o conto “Puna”, presente no texto-fonte, carrega um estranhamento em sua construção mesmo para leitores hispanos, pois o seu conteúdo carrega a língua quéchua como parte integrante da construção linguística. Dessa maneira, em meu trabalho optei por mostrar que a tradução do referido conto para o português foi construída com esse mesmo estranhamento, pois mesmo não conhecendo os aspectos linguísticos padrões e usuais da língua quéchua que foram transportados para o texto na língua portuguesa na escrita, consegue compreender seu conteúdo. Isso deve-se ao fato de que mantivemos, de acordo com o projeto de tradução, a forma mais oral presente dentro do texto-fonte. Assim, a opção tradutória, respeitando os conceitos teórico-metodológicos, de manter o entendimento das palavras e termos originários, propicia ao leitor vivenciar a experiência de observar a riqueza estética, cultural e linguística de uma língua que não faz parte de nosso cotidiano.

Palavras-chave: tradução ativista; intercompreensão; (re/trans)criação; domesticação versus estrangeirização; *Nós xs Índios*.

RESUMEN

Este trabajo se realizó a partir del análisis reflexivo y comparativo del cuento titulado “Puna”, que figura en el libro *Nosotros los Indios* (2016 - versión en español), de Hugo Blanco Galdos, traducido al portugués con el título *Nós xs Índixs* (2022). La traducción en cuestión se realizó de manera colaborativa entre 2019 y 2021 en el proyecto de extensión Laboratorio de Traducción de la UNILA. Como parte del equipo del proyecto, pude contribuir a la traducción al portugués. De este modo, a partir de esta experiencia, tengo, en este trabajo de conclusión de carrera, el objetivo de analizar y comprender, de manera comparativa y descriptiva, la importancia de traducir sin borrar las lenguas minoritarias presentes en los textos. En este caso particular, la lengua indígena quechua, observada en la elaboración del texto fuente del cuento “Puna”. Para ello, se realizaron análisis que buscaron describir de manera comparativa no solo palabras y términos dentro del texto, sino también decisiones más amplias, que guiaron el proceso de traducción en la búsqueda por mantener ciertas particularidades del texto fuente en la traducción y, al mismo tiempo, atender a una oralidad que se pretendía obtener en el texto meta (en portugués). En este sentido, utilizamos como fundamento teórico-metodológico conceptos como la intercomprensión (Escudé; Del Olmo, 2019), la (re)creación y la transcreación (Campos, 2011), la extranjerización y la domesticación de textos (Venuti, 1995). Concluimos que los análisis realizados entre los dos textos (el original y el traducido) nos muestran la relevancia de trabajar con un sentido crítico y activista en la valorización de las lenguas y culturas, especialmente las originarias, sobre todo cuando atraviesan textos escritos en lenguas neolatinas, como el español y el portugués. Se pudo percibir que el cuento “Puna”, presente en el texto fuente, genera un extrañamiento en su construcción incluso para lectores hispanohablantes, ya que su contenido incorpora la lengua quechua como parte integrante de la construcción lingüística. De esta manera, en mi trabajo opté por mostrar que la traducción de dicho cuento al portugués se construyó con ese mismo extrañamiento, ya que, aunque los lectores no conozcan los aspectos lingüísticos estándares y habituales de la lengua quechua que se trasladaron al texto en lengua portuguesa en la escritura, logran comprender su contenido. Esto se debe al hecho de que, según el proyecto de traducción, mantuvimos la forma más oral presente en el texto fuente. Así, la opción traductora, respetando los conceptos teórico-metodológicos, de mantener la comprensión de las palabras y términos originarios, permite al lector experimentar la riqueza estética, cultural y lingüística de una lengua que no forma parte de nuestra vida cotidiana.

Palabras clave: traducción activista; intercomprensión; (re/trans)creación; domesticación *versus* extranjeerización; *Nós xs Índios*.

ABSTRACT

This work is based on a reflective and comparative analysis of the short story "Puna", which appears in the book *Nosotros los Índios* (2016 - Spanish version) by Hugo Blanco Galdos, translated into Portuguese as *Nós xs Índixs* (2022). The translation in question was carried out collaboratively in an extension project UNILA Translation Laboratory from 2019 to 2021. As a member of the project team, I contributed to the translation into Portuguese. Based on this experience, the aim of this final project is to analyze and understand, in a comparative and descriptive way, the importance of translating without erasing minority languages contained in the texts. In this particular case, the indigenous Quechua language, present in the source text of the short story "Puna". In order to do this, we carried out a comparative analysis not only of the words and terms in the text, but also of the broader choices that guided the translation process, in order to preserve certain specificities of the source text in the translation and, at the same time, to take into account an orality that we wanted to achieve in the target text (in Portuguese). In this sense, we used concepts such as intercomprehension (Escudé; Del Olmo, 2019), (re)creation and transcreation (Campos, 2011), foreignization and domestication of texts (Venuti, 1995) as theoretical and methodological bases. We conclude that the analysis of the two texts (original and translated) shows us the importance of working with a critical and activist sense of valuing languages and cultures, especially indigenous ones, particularly when they cross texts written in Romance languages such as Spanish and Portuguese. It was possible to see that the short story "Puna", present in the source text, carries a strangeness in its construction even for Hispanic readers, because its content carries the Quechua language as an integral part of the linguistic construction. In this way, in my work I have chosen to show that the translation of this short story into Portuguese is constructed with the same strangeness, because although readers may not be familiar with the standard linguistic aspects of Quechua transferred into Portuguese, they can still understand its content. This is due to the fact that, in accordance with the translation project, we kept the most oral form present in the source text. Therefore, the translation option, which respects the theoretical and methodological concepts of maintaining the understanding of the original words and concepts, allows the reader to experience the aesthetic, cultural and linguistic richness of a language that is not part of our daily lives.

Keywords: activist translation; intercomprehension; (re/trans)creation; domestication *versus* foreignization; *Nós xs índios*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conto “Puna” e sua tradução ao português.....	25
Quadro 2: Aspectos da organização estrutural do texto-fonte.....	34
Quadro 3: Efeito de repetição de termos.....	38
Quadro 4: Percepção e (re)criação da oralidade.....	39
Quadro 5: Empréstimos da língua quéchua.....	44
Quadro 6: Outras formas de reconstruir a oralidade.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	17
3 JUSTIFICATIVA.....	17
4 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	19
5 ANÁLISE DO CORPUS.....	24
5.1 Análise comparativa de trechos retirados do conto “Puna” de Nós xs Índixs.....	33
6 CONCLUSÃO.....	52
7 REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Paulo Bezerra (2002), um grande pesquisador e tradutor brasileiro, a arte da tradução é vista como um processo complexo que vai além da simples transferência e colocação de palavras de uma língua para outra. O mesmo vê a tradução como uma forma de recriação literária, na qual o tradutor precisa captar e transmitir não apenas o significado do texto original, mas também seu estilo, nuances e intenções.

Bezerra ressalta que a tradução envolve um importante e profundo entendimento do contexto cultural, histórico e social do texto de origem. O tradutor deve ser sensível às características linguísticas e culturais tanto da língua de origem quanto da língua de destino, buscando uma maneira de traduzir que respeite e consiga passar a mensagem desejada do trabalho em questão.

Para o pesquisador, a arte da tradução também exige uma habilidade literária importante e criativa, já que o tradutor deve ser capaz de reproduzir a beleza, a força expressiva e outras características importantes do texto original para uma nova língua. Bezerra destaca também que a tradução literária é uma prática que exige constante aprendizado, reflexão e aperfeiçoamento, sendo um campo de estudo e prática em constante evolução.

Pensando assim, este trabalho de Conclusão de Curso, foi construído e desempenha um papel fundamental ainda na busca pela preservação e revitalização de variadas línguas, entre elas, em especial, as línguas indígenas, muitas das quais enfrentam o risco de extinção devido ao impacto avassalador de línguas dominantes. Em um mundo globalizado, onde a hegemonia cultural e linguística norte-americana e europeia frequentemente ameaça a diversidade de línguas minoritárias, a tradução surge ou emerge como um instrumento de resistência e de reafirmação da identidade cultural de povos colocados em uma posição de inferioridade de poderes econômicos, políticos, sociais e linguísticos.

Nesse sentido, quando pesquisas e estudos traduzem textos, tradições orais e conhecimentos indígenas para outras línguas, e vice-versa, os tradutores não apenas tornam essas línguas acessíveis a um público mais amplo, mas também garantem que os saberes e as práticas culturais ancestrais sejam preservados e transmitidos às futuras gerações.

A tradução, no contexto deste trabalho, não é um mero processo técnico, mas uma prática profundamente política e cultural, que vem em prol de combate ao apagamento

linguístico e cultural promovido por séculos de colonização. Este processo, como mais adiante evidenciaremos, não se inicia com a tradução aqui analisada, mas com a própria construção do texto de partida, onde percebemos que o próprio autor Hugo Blanco promove, ao misturar as línguas em seus textos.

Para tanto, trago também um trabalho de análise, elaborado através da técnica de abordagem didática denominada de “intercompreensão”, que ocorre quando, de maneira bastante simplificada, “dois interlocutores se encontrarem, cada um falando – ou escrevendo – sua própria língua e se esforçando para entender a língua do outro” (ESCODÉ; DEL OLMO, 2019, p. 11).

O termo intercompreensão foi criado em 1913, pelo linguista francês Jules Ronjat, mas não é muito divulgado no meio acadêmico. Trata-se de uma prática de abordagem plurilíngue de aprendizagem, uma forma imediata de comunicação que apresenta vantagens importantes. Ainda de acordo com os estudiosos Escudé e Del Olmo, essas vantagens podem ser vistas tanto em termos de eficiência, porque cada interlocutor usa uma língua que conhece bem, quanto em termos de igualdade, já que não se faz uma imposição de sua língua ao outro nem este se vê constrangido ao falar ou compreender uma língua com insegurança.

O ponto culminante, ou seja, que realmente é relevante destacar na pesquisa aqui elaborada, é a importância de manter vivas tais línguas indígenas, mesmo quando estas estejam presentes em textos em outros idiomas, como a seguir melhor detalharemos, mas sem perder de vista seu significado. Isso implica ter a oportunidade de conhecer a riqueza de culturas das quais somos descendentes e carregamos uma grande parcela de conhecimentos passados através da linguagem.

De maneira correlata, destaco a importância da tradução como criação artística, como bem descreve Haroldo de Campos (1962), um dos mais influentes poetas e tradutores brasileiros, o qual oferece uma perspectiva inovadora e rica sobre a tradução.

O trabalho aqui apresentado foi pensado e construído a partir da minha experiência e participação no projeto de tradução do livro em espanhol intitulado *Nosotros los Indios*, de Hugo Blanco Galdos, “dirigente social, também camponês e defensor da Pachamama, Mãe Terra”, como ele mesmo se descrevia em seu perfil no Facebook. Trata-se de uma figura importante não apenas em seu país, cuja atuação política é até hoje reconhecida, mas em outros países da América Latina e também em outras latitudes, como na Suécia, onde esteve exilado, e apesar de ter poucas obras publicadas, é autor de muitos escritos, como o destacado *Tierra o muerte: luchas campesinas en Perú* (1978). A obra objeto de estudo, ou seja, o livro *Nosotros los Indios*, está composta por diversos textos, como

comentários, cartas, poemas, relatos, resumos, transcrições de reuniões, assembleias etc., os quais foram escritos pelo autor peruano Hugo Blanco, e por algumas personalidades importantes latino-americanas, como os escritores José María Arguedas e Eduardo Galeano, dentre outros. O livro, foi traduzido para a língua portuguesa pela equipe do projeto de extensão Laboratório de Tradução da Unila, ficando o título em português “Nós xs Índixs”, esse objeto de trabalho trata e retrata a trajetória de ativismo do próprio autor do livro, ou seja, Hugo Blanco.

O projeto de tradução, levado a cabo pela equipe da referida ação de extensão existente desde 2016, a qual efetuou outros vários trabalhos importantes, foi executado durante a vigência da pandemia de covid-19. O trabalho relacionado à tradução do livro *Nosotros los Indios* teve seu pontapé inicial durante o período de 2019, tendo findado em 2022. Foi uma experiência muito gratificante para mim como estudante e acredito que como pessoa também, pois como foi um período muito triste e angustiante para todos nós no mundo inteiro, o processo de construir um trabalho com pessoas que tinham a mesma vontade de transformar um estudo em algo concreto, como foi a tradução do livro, tornou possível que, em meio a todo o caos, fizéssemos de um sonho realidade.

Acredito que foi um trabalho que não só nos ajudou como profissionais da área de tradução, mas que também nos ajudou a suportar as problemáticas do isolamento social ao qual fomos submetidos durante a pandemia, pois mesmo por traz das telas de nossos computadores, tablets e celulares podíamos trocar ideias e também nossas angustias individuais de nossas vidas durante os encontros, isso fez com que criássemos uma rede de apoio, de amizade e de profissionalismo que resistiu e nos rendeu um lindo fruto, nossa tradução e nossas sanidades em perfeita harmonia. Além disso, a própria obra traduzida, nos convidava a pensar outros modos de vida e de relacionar-se com este planeta, reflexão extremamente importante para o difícil momento pandêmico que estávamos vivenciando.

O processo da tradução do livro *Nosotros los Índios* contou com a participação de nove integrantes, dentre os quais estavam duas professoras universitárias brasileiras, um professor universitário de origem colombiana, cinco estudantes de graduação, sendo uma das participantes de origem paraguaia e o restante brasileiros de variadas regiões do país, dos cursos de Licenciatura em Letras Espanhol e Português como Língua Estrangeira, dos Bacharelados em Antropologia e em Relações Internacionais e Integração (todos da Unila) e uma estudante de Licenciatura em Educação do Campo (UFMG), além de um egresso do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em

Estudos Latino-Americanos da Unila. Como bem é colocado na abertura de apresentação da tradução em questão:

A escolha de *quem* e *o quê* se traduz é sempre política, afinal trata-se em qualquer caso de uma decisão sobre quais discursos se quer difundir e fazer circular, de um contexto social para outro. Ou seja, uma decisão que diz respeito ao direito à escuta de determinadas ideias, visões, sentidos... e ao poder de conceder esse direito. Toda tradução, então, pode (e talvez devesse) ser iniciada com um “por que traduzimos isto?” (TORRES ET AL., 2022, p. 9).

Nesse sentido, e em razão de um necessário recorte e de suas características singulares, como mais adiante explicaremos, escolhi o conto “Puna” para analisar neste trabalho, por perceber tamanha importância de se demonstrar o empoderamento sociocultural, político e linguístico da língua quéchua que atravessa o espanhol usado por Blanco em sua escrita, o que se buscou expressar através da tradução de uma maneira que mantivesse viva essa língua originária ao trasladar o texto para a língua portuguesa.

Em uma sociedade a língua é um instrumento de vital importância. É por meio dela e de suas variadas possibilidades de comunicação que uma população desenvolve valores regionais, socioeconômicos e culturais, e que se apresentam dentro de um processo histórico da linguagem. Desta maneira, a língua representa de forma consolidada a cultura de uma determinada sociedade, ou seja, a cultura na qual ela está entalhada.

O quéchua é uma língua indígena originária da América do Sul, com uma rica história e extensa distribuição geográfica, é uma das mais faladas na região. Originalmente, era a língua do Império Inca, que se estendia pelos territórios que hoje compreendem como o Peru, a Bolívia, o Equador, a Colômbia, o Chile e a Argentina. Essa língua continua sendo amplamente utilizada, com milhões de falantes, especialmente nas regiões andinas.

A língua quéchua não é homogênea; existem muitas variedades dialetais que são frequentemente categorizadas como diferentes “quéchuas”, de acordo com Cabral (2019). Conforme essa estudiosa, tais variantes são às vezes mutuamente inteligíveis, mas também podem apresentar diferenças significativas. Essa diversidade é resultado da vasta área geográfica em que o quéchua é falado e das influências culturais e históricas específicas de cada região (CABRAL, 2019).

Em vários países, o quéchua é reconhecido como língua oficial ao lado do espanhol, o que representa um esforço para a preservação e a promoção da língua. No entanto, ainda existem desafios significativos, como a marginalização cultural e social dos seus falantes.

O quéchua é mais do que uma língua: é um componente crucial da identidade cultural dos povos andinos. Ele carrega uma rica tradição oral, incluindo histórias, mitos e canções, que são fundamentais para a transmissão de conhecimentos e valores culturais.

A pesquisadora Emilania Sousa Cabral destaca em um de seus trabalhos titulado “O resgate de uma língua: a construção da escrita quéchua” (2019) alguns desafios enfrentados por essa língua originária, entre as quais estão o processo de globalização e o lugar que ocupam as línguas dominantes, sobretudo o espanhol, que com ela compartilha, muitas vezes em uma relação de forças díspar, muitos dos espaços geográficos e político-linguísticos.

Uma das grandes dificuldades que a língua quéchua enfrentou, se deu em razão de sua proibição, após a rebelião de Tupac Amaru II, entre 1780/1781. Essa língua, como nos explica Cabral (2019), foi objeto de discriminação e seus falantes, de exclusão social. Isso resultou na sua não transmissibilidade o que, conseqüentemente, prejudicou a sua vitalidade. Tal situação que só foi alterada a partir de 1975, quando "foi reivindicada como língua oficial no Peru, que desde então promove muitas ações e planos no intuito de preservar e expandir o número de *quechuahablantes*" (CABRAL, 2019, p. 31).

Também é possível perceber que a relevância dada a essa língua não é um fenômeno atual, como aponta o pesquisador MÓDULO (2007) em um de seus trabalhos:

O interesse pelo aprendizado do quéchua foi geral no século XVI. A pretensão dos sacerdotes europeus era captar a alma indígena fundindo-a com o espírito cristão. A finalidade era ganhar almas para o cristianismo, mas, ao mesmo tempo, recolher a mensagem da terra. Se o obstáculo à divulgação do cristianismo era a língua, duas políticas podiam ser seguidas pelo invasor: a de exterminar a língua indígena ou a de conservá-la, estudando-a e aprendendo-a. O espanhol optou pela segunda. Frei Domingo produziu a primeira gramática da língua falada pelos incas e desconhecida dos colonizadores, bem como providenciou uma lista de palavras com suas equivalentes castelhanas. Foi ele quem batizou a *Runa simi* (língua do império) com o nome de *quíchua*. Barrenechea entende que essa tarefa tinha duplo interesse: estímulo apostólico na tarefa evangelística, mas também amor e curiosidade pelas manifestações do espírito índio. (MÓDULO, 2007, p. 146).

Tal como se observa, o quéchua é uma língua de grande importância histórica e cultural na América do Sul, e há muito vem enfrentando desafios significativos, mas também oportunidades para sua preservação, revitalização e sobrevivência. Ela representa um patrimônio cultural inestimável, e seus falantes continuam lutando por seu reconhecimento e valorização.

Nesse sentido, a tradução e a educação são vistas como ferramentas muito importantes na luta para a preservação da língua quéchua. Por um lado, o trabalho de tradução de textos, especialmente da produção de literatura em quéchua, ajuda a valorizar a língua e a torná-la relevante para as novas gerações; por outro lado, a

educação em língua materna é crucial para a revitalização da língua e para o fortalecimento da identidade cultural dos falantes de quéchua.

2 OBJETIVOS

Dentro da pesquisa, tem-se como objetivo discutir a importância da tradução como um ato de resistência cultural, analisando como essa prática pode contribuir para o não apagamento das línguas indígenas, especialmente quando presentes em textos produzidos em outros idiomas.

Para tanto, será explorada e analisada a tradução para a língua portuguesa do conto denominado “Puna”, retirado do livro *Nós xs Índixs* de Hugo Blanco Galdos, originalmente redigido em espanhol. O texto, que já apresentaria diversos desafios de tradução por se tratar de um gênero literário, mais especificamente um relato escrito durante o tempo em que Blanco esteve preso em *El Frontón* no Peru e com o qual participou de um concurso literário, tem a particularidade de estar atravessado pela língua quéchua em muito de seu conteúdo. O que ocorre é que o autor, como bem explicita Torres et al. (2022) em nossa nota de tradução, é também falante dessa língua indígena e, podemos dizer, um tradutor, que coloca os leitores, desde o texto-fonte, em contato com um espanhol tensionado pelo quéchua. É também aí que residem as maiores dificuldades e a riqueza de análise que proporciona esse texto.

Sendo assim, tento expor neste trabalho como é possível projetar a tradução que atua na preservação e na valorização de determinadas culturas e línguas, bem como evidenciar, a partir de uma experiência prática, as metodologias e os desafios envolvidos neste processo.

3 JUSTIFICATIVA

Parto do princípio da importância de defender, preservar e valorizar as línguas originárias e o seu não apagamento nos trabalhos de tradução. Também se justifica pela aplicação da prática da intercompreensão em um campo que é pouco explorado pela área, que é o contexto das traduções de textos plurilíngues.

A existência de um trabalho acadêmico nem sempre deve se derivar da necessidade de se querer provar alguma coisa, como a eficácia de um método ou teoria,

por exemplo, mas que sua motivação pode advir da importância que um determinado estudo pode trazer para a formação dos sujeitos que dele fizeram parte, como resultado da experiência vivida dentro da vida acadêmica e de como esta reverbera.

Nessa direção, justifico neste trabalho o que pude perceber e aprender em minha trajetória enquanto estudante de Letras português e espanhol como língua estrangeira, e ao participar de programas de extensão e pesquisa na área da tradução literária dentro da Unila. No caso da tradução especificamente, percebi a necessidade de cada vez mais me adentrar nesse mundo que, apesar de ser um campo de estudos recente e em alta progressão ao redor do mundo, não se encontra, pelo menos no Brasil, presente em todas as instituições de ensino.

A partir de minha experiência, de estudos e de leituras desenvolvidos em uma universidade singular na qual circulam e convivem diferentes línguas, mas que está situada em solo brasileiro, observei a necessidade de se ter mais conteúdos diversos traduzidos para o português brasileiro, para que cada vez mais pessoas possam ter a oportunidade de conhecer outras culturas e obter outros aprendizados de maneira que potencialize e mantenha viva a história dos povos ou universos contidos nessas outras línguas.

Nesse sentido, escolhi aqui analisar a tradução do conto “Puna” de Hugo Blanco Galdos, realizada pela equipe do Laboratório de Tradução da Unila como antes dito, em razão desse texto ressaltar a importância da língua quéchua, apesar de estar escrito em espanhol. Isso se dá pela forma como sua composição evidencia características que não seriam imediatamente atribuíveis ou relacionáveis à língua espanhola. Como bem observou a equipe de tradutores ao longo do processo de tradução, tanto para Hugo Blanco quanto para Arguedas,

escrever/traduzir para o espanhol não pode implicar abandonar o quéchua. Pelo contrário, é preciso fazer que o eco dessa língua seja escutado na outra. Nesse sentido, podemos dizer que para ambos era tão necessário traduzir quanto resistir a uma tradução total. (TORRES ET AL., 2022, p. 21)

Tais características particulares da escrita de Hugo, a nosso ver, não deveriam ser apagadas, pois se originam não só do estilo do autor traduzido, mas, em especial, da sua constituição identitária e cultural, expressa também nas línguas que o atravessam como sujeito, especialmente sua relação com a língua quéchua, o que se reflete em sua produção escrita.

Algumas das mais importantes justificativas para a elaboração deste trabalho, portanto, são, poder perceber que a tradução tem o poder de provocar reflexão e debate.

Analisar "Puna", agora também a partir do lugar de pesquisadora dessa tradução, pode incentivar leitores e estudiosos a refletir sobre questões de identidade, resistência e solidariedade, tanto no contexto peruano quanto em uma escala mais ampla. Pode-se, ainda, obter uma compreensão mais completa e matizada das contribuições de Hugo Blanco para a literatura e para a luta pelos direitos dos povos indígenas e pela terra. Isso também fortalece a apreciação da diversidade cultural e literária da América Latina, além de estabelecer pontes e conexões com o Brasil e seus habitantes, que muitas vezes não se reconhecem como parte da região.

4 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Como referencial teórico, nos apoiamos na produção científica de aspectos que, de nosso ponto de vista, se conectam e que encontram lugar no estudo da tradução aqui abordada, entre os quais estão o de interculturalidade, (in)visibilidade do tradutor, a tradução criativa e a colaboração em tradução.

Um dos conceitos primeiros que resulta oportuno a este trabalho é o da intercompreensão, segundo o qual se utilizam conhecimentos de nossa própria língua materna para entender outra, ou, inclusive, um pouco do que conhecemos de outras línguas para aproximar-nos à compreensão de uma determinada língua. Em outras palavras, mesmo que a pessoa não tenha entendido bem ou completamente o que leu ou esteja lendo, que não fale a língua a partir da qual está efetuando dita leitura, de alguma forma alguns termos ou palavras vão remeter a um lugar do seu inconsciente que pode levá-la a uma tentativa e esforço de compreensão (ESCUDE; DEL OLMO, 2019).

Como parte do trabalho elaborado, busco explicar o importante papel da intercompreensão, inclusive dentro do processo de tradução, como uma maneira de facilitar o entendimento do texto a ser traduzido, para que mais e mais pessoas construam suas próprias visões e os compreendam melhor e, dessa maneira, valorizem a diversidade linguística e multicultural de tais conteúdos, como bem explica Rammé:

a didática da intercompreensão propõe que, muito embora essa prática comunicativa milenar tenha uma importância singular, sua didatização apresenta um potencial ainda mais valioso em um contexto de valorização da diversidade linguística e multicultural. Ela está inserida, assim, no âmbito das abordagens plurais, que também incluem a abordagem intercultural, a sensibilização para a diversidade linguística e a didática integrada de línguas. (RAMMÉ, 2022, p. 593.)

O texto da tradução que vamos aqui abordar não se trata propriamente de um texto escrito somente em português, ou seja, um português “normativo padrão”. Essa foi uma decisão tradutória importante, já que, como antecipávamos, em sua construção original no idioma espanhol tal escrita já trazia enraizada em seu interior uma língua indígena dominada pelo autor, o quéchuá.

Durante a colonização espanhola, a língua quéchuá começou a ser transcrita utilizando o alfabeto latino. Os missionários espanhóis desempenharam um papel crucial na documentação e padronização inicial do quéchuá. No século XX, houve esforços significativos para padronizar a sua escrita, levando em consideração as diferentes variantes regionais, como nos explica Cabral (2019).

A mesma autora, explica que foi estipulado por meio da Resolução Ministerial nº 12185 do Governo Peruano que, a partir do dia 18 de novembro de 1985, oficialmente para se escrever na língua quéchuá seria utilizado um alfabeto chamado “Achabala”, e se estabeleceram as seguintes variedades:

Alfabeto da região norte (Lambayeque e Cajamarca – com 21 letras): a ch ê ch' i k l ll m n ñ p q r s sh Sh' t u w y

Alfabeto da região central (Ancash, Huánuco, Cerro de Pasco e Junín – com 25 letras): a aa ch ch' h i ii k ll m n ñ p q r s sh sh' t ts u uu w y

Alfabeto da região amazônica (San Martín e Loreto – com 22 letras): a b ch d g h i k ll m n ñ p r s sh t ts u w y

Alfabeto da região sul (Ayacucho, Huancavelica, Apurímac, Cusco, Puno, Arequipa e Moquegua - com 21 letras): a ch chh ch' h i k kh K' ll m n ñ p ph p' q qh q' r s t th t' u w y (CABRAL, 2019, p. 32)

Nas regiões como Peru, Bolívia, Equador, norte do Chile, noroeste da Argentina e sudoeste da Colômbia, se encontram muitas variedades regionais da língua quéchuá, em sua grande maioria parecidas a uma variante chamada Ayacucho - Chanka, que possui 18 letras (a - ch - h - i - k - L - ll - m - n - ñ - p - q - r - s - t - u - w - y). Tal variante é a mais utilizada para o aprendizado, pois possui uma escrita simples e dessa maneira não apresenta dificuldade na pronúncia, em comparação com o castelhano, como ensina Cabral (2019, p. 32).

Ainda sobre a língua quéchuá, é importante dizer que se trata de uma língua aglutinante, o que significa que usa sufixos para modificar o significado das palavras e construir sentenças. Esses sufixos podem indicar tempo, modo, aspecto, pessoa, número etc. A ordem básica das palavras em uma frase quéchuá é SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), embora isso possa variar dependendo do contexto e da ênfase (UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCAMELICA, 2014).

Ainda seguindo com Cabral (2019) e a partir de suas pesquisas, foi possível perceber a necessidade de se normatizar a escrita com um único alfabeto, que permitisse ler e escrever de uma só maneira, colocando regras normativas gramaticais e ortográficas, como bem já são utilizadas comprovadamente nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, que são faladas em muitos países e continentes, sem deixar que suas falas e sua oralidade sejam modificados ou que interfiram em suas identidades regionais específicas. Nesse sentido, é importante destacar que as marcas da língua quéchua presentes no texto traduzido foram amplamente debatidas ao longo de todo o processo de tradução.

Nesse sentido, o texto escolhido para elaboração deste trabalho carrega consigo uma riqueza sociocultural importante, como nos mostra Cabral em suas palavras acima, sem deixar de nos fazer adentrar no universo dessa língua tão rica historicamente. Para tanto, evidenciamos o papel da intercompreensão, inclusive dentro da construção do texto-fonte em espanhol, onde reiteramos que Hugo Blanco é mais do que um escritor, pode ser também considerado um tradutor, não só por se mover entre o espanhol e o quéchua, e os diferentes mundos que essas duas línguas contêm, mas por deixar em sua escrita o registro de que ambas o constituem.

Assim, temos na leitura já do texto em espanhol uma série de estranhamentos, de construções que não parecem pertencer a essa língua neolatina. Na tradução para o português, buscou-se reproduzir esse mesmo efeito, a fim de que os leitores do texto na língua portuguesa tivessem uma experiência análoga.

Trata-se de construções linguísticas entalhadas muitas vezes por características que não fazem parte nem do espanhol tão pouco do português, mas que mesmo assim somos capazes de compreender. Isso nos mostra, como ficará mais claro quando da análise dos fragmentos selecionados, que nem sempre é preciso que uma tradução se adéque a uma norma-padrão ou a um modelo de linguagem que apague as características estilísticas do texto-fonte, para que seja entendida, e foi isso que conseguimos enxergar no conto que analisamos no trabalho.

Outra questão importante para a presente pesquisa e vai na mesma direção, foi pensar a visibilidade ou invisibilidade dos tradutores ao longo do processo. Ora, ao deixar patente na tradução ao português tais características que estavam presentes no texto-fonte, decide-se em grande medida estrangeirizar grande parte do texto-meta, em lugar de domesticá-lo completamente. É importante lembrar, como explica Venuti (1995), que durante muito tempo a fluência do texto traduzido era a tendência adotada no que se refere à tradução, mas que esse tipo de decisão trouxe consequências, muitas vezes

imperialistas e etnocêntricas, que se reproduziam nos textos finais, como se fizessem parte das culturas de destino.

Uma tradução domesticadora ou domesticante, de acordo com o referido autor, seria considerada uma tradução fluente e familiar, na qual não se apresentaria qualquer estranhamento para o leitor, como se o texto fosse escrito diretamente nessa língua. Já no outro polo, teríamos uma tradução estrangeirizante ou estrangeirizadora, na qual as marcas da cultura-fonte ficam evidentes. O texto responderia às diferenças culturais, não as apagando (VENUTI, 1995).

O pensador norte-americano Abes (2022) afirma que “a estrangeirização do texto traduzido evitaria que o leitor tenha a sensação de estar lendo um texto originalmente escrito em sua língua materna”. Assim, uma vez o estranhamento provocado no leitor, este identificaria o texto como sendo uma tradução e, por consequência, reconheceria o trabalho do tradutor” (ABES, 2022, p. 7).

De acordo com Abes, a expressão “invisibilidade do tradutor”, criada por Lawrence Venuti, se trata de uma forma de denunciar uma situação de não reconhecimento profissional de quem traduz. O pesquisador se refere a dois fenômenos para explicar a relação abordada na ideia de invisibilidade, os quais são:

a) O leitor que aborda a tradução como se esta houvesse sido originalmente escrita na sua língua materna, o que seria o resultado de um efeito de transparência no próprio discurso; b) o critério de que a boa tradução deva produzir um texto cuja leitura seja fluente, o que elimina as peculiaridades linguísticas ou estilísticas, focando sobretudo o sentido do texto de partida, resultando numa transparência, na sensação de se estar lendo um original na língua materna (ABES, 2022, p. 6).

De acordo com Abes (2022, p. 7), “o efeito de transparência camuflaria as intervenções cruciais do tradutor”. Nesse sentido, o mesmo chega à conclusão de que “quanto mais fluída é a tradução, mais invisível se torna o tradutor e, segundo ele, mais visível o autor do texto estrangeiro” (ibidem). Ainda argumenta que a invisibilidade do tradutor, de maneira geral, é em parte um efeito inusitado de sua manipulação da língua, um extermínio que resulta do próprio ato da tradução (VENUTI, 1995).

A discussão em torno da (in)visibilidade dos tradutores nos leva a outro conceito importante para este trabalho, que é o de criação e transcrição. Em se tratando de um tradutor literário, o profissional pode criar e recriar textos podendo se permitir certas liberdades quanto ao sentido de suas traduções, isto é, poderá fugir à fidelidade estrita no sentido do vocabulário. Estará preso, conforme aponta Campos (2011, p. 135) “a uma outra fidelidade, mais ampla, que se trata da fidelidade à expressão, à força da comunicação artística do texto”.

No que concerne à transcrição, segundo o autor:

ao invés de uma fidelidade pobre e equivocada e um mero conteúdo ou significado de superfície, busca-se uma “hiperfidelidade”, que aspira a dar conta não apenas desse conteúdo de comunicação (que lhe serve de bastidor ou pano de fundo), mas ainda da própria semantização das categorias sintáticas e morfológicas (CAMPOS, 2011, p. 138).

Embora usado por Campos como forma de aludir, muitas vezes, às transformações operadas no texto-meta (português), e que podem ser confundidas com adaptações do texto-fonte (espanhol), ou traduções livres, especialmente em poemas, interessa-nos mais propriamente a ideia referente à criatividade empregada pelo tradutor na resolução dos problemas por ele encontrados. Assim, o tradutor tem como opção criar ou recriar/transcriar uma obra de acordo com o que se queira demonstrar a partir de seu trabalho criativo ou técnico.

Finalmente, convém trazer à tona a noção de tradução colaborativa que, para Esqueda 2019, diz respeito a uma prática que envolve a cooperação entre diferentes tradutores ou entre tradutores e outros profissionais, como revisores e especialistas no assunto do texto, em suas palavras a pesquisadora afirma que nos dias atuais:

a tradução colaborativa, na qualidade de um hiperônimo, traz consigo a ideia de práticas específicas de tradução, relacionadas à tradução coletiva (crowdsourcing translation), tradução voluntária (volunteer translation), tradução comunitária (community translation), tradução participativa (participative translation) dentre outros termos correlatos, tais como tradução colaborativa em rede (on-line collaborative translation ou on-line volunteer collaborative translation) (ESQUEDA, 2019, p. 49-50).

Essa abordagem valoriza a troca de conhecimentos e habilidades, permitindo uma maior precisão e qualidade na tradução final. Além disso, a tradução colaborativa pode incluir o uso de ferramentas tecnológicas que facilitam a comunicação e a integração de contribuições de diferentes pessoas, promovendo uma abordagem mais dinâmica e participativa no processo de tradução.

Dessa forma, a ideia é importante para pensar a tradução realizada do texto de Hugo Blanco, com base na vivência trazida por mim, para poder buscar a minha experiência de vida em favor de uma concepção de um texto onde posso expressar conteúdos da minha formação linguística regionalista a partir do lugar onde nasci, passando por todos os outros por onde morei até minha vida adulta cotidiana e de todos os outros integrantes.

Além disso, como já salientado, o trabalho de tradução do livro *Nós xs Índixs*, de que participei dentro do Laboratório de Tradução da Unila, se deu durante o processo

pandêmico de covid-19, um período sombrio, onde todos sabemos como foi duro ficarmos presos dentro de nossas casas. Embora todo o processo de isolamento social tenha sido muito difícil, o projeto de tradução do livro de Hugo Blanco fez muito bem não só a mim como pessoa, como estudante e como profissional, mas acredito que para todos que trabalhamos no projeto. Durante minha experiência como membro do grupo e cooperadora na tradução do livro em questão, trabalhávamos de uma forma colaborativa, ou seja, tínhamos reuniões com todo o grupo, de periodicidade semanal, quinzenal e, algumas vezes, mensais, nas quais discutíamos sobre o trabalho em si da tradução, os problemas e dificuldades encontrados, dessa forma tentávamos encontrar uma melhor maneira de deixar os textos finais como gostaríamos que eles fossem vistos, segundo o projeto de tradução definido pelo grupo.

Ademais de tudo isso, também fazia muito bem conversar uns com os outros e assim nos ajudávamos de forma amistosa mesmo que por meio de telas, mas unidos em prol de um trabalho que nos transformava e ajudava de uma forma muito além de uma busca tradutória, mas sim algo que nos levava a pensar no humano de ser e na valorização de línguas e culturas mostradas em *Nós xs Índixs*.

5 ANÁLISE DO CORPUS

A partir da discussão anterior, serão analisados fragmentos da tradução do conto “Puna”, de Hugo Blanco Galdos. Para tanto, nos valem dos conceitos de intercompreensão (ESCUDE; DEL OLMO, 2019), para a leitura do texto-fonte e também para sua criação e re/transcrição (CAMPOS, 2011), na língua-meta. De uma perspectiva domesticadora, uma das soluções possíveis seria fazer com que o texto em português fosse o mais fluido possível; do ponto de vista estrangeirizante, por outro lado, restaria deixar marcados na tradução os estranhamentos que enxergamos mesmo no original em língua espanhola.

Como antes assinalamos, verificamos que o texto em espanhol tinha sido produzido assim, deixando visível a língua quéchua dentro da língua em que se escreveu a obra, ou seja, dentro do próprio castelhano se notava tal estranhamento. Isso demandou da equipe de tradutores, já na leitura do texto de partida prévia à tradução, ter que mobilizar recursos de intercompreensão, visto que nenhum de nós era quéchua-falante. Além disso, nos colocava diante do desafio de refletir sobre o projeto de tradução em si, se o objetivo era buscar recriar também esse efeito no texto traduzido.

Para fins do estudo, a análise parte sempre dos exemplos extraídos do conto, cujos fragmentos são distribuídos em um quadro com três colunas, sendo a da esquerda correspondente ao texto-fonte, a do meio, à sua tradução publicada em português, e a coluna à direita, à outras possibilidades de tradução que vislumbramos para o fragmento, e que, em geral, diriam respeito a um português mais usual/fluido ou mais de acordo com a norma culta da escrita em língua portuguesa.

Antes de adentrar à análise, entendemos ser necessário conhecer o conto completo, bem como sua tradução realizada pela equipe do Laboratório. É que se verifica no quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Conto “Puna” e sua tradução ao português.

Conto Puna - Espanhol	Conto Puna - Português
<p><i>Era tal mi obsesión por la necesidad de que los estudiantes fueran al campo, que con ocasión de un concurso literario para los presos, escribí el relato de un estudiante que va al campo a colaborar con la organización campesina. Al final no se sabe si es el estudiante o el campesino quien habla porque ya son lo mismo.</i></p> <p><i>En el relato imaginario no muestro las atrocidades cometidas por los hacendados en la vida real, como marcar con hierro candente a un campesino, azotarle desnudo durante varias horas, hacerle caminar a fuetazos en cuatro pies con una pesada carga en la espalda, etcétera. Nótese que entonces todavía tenía prejuicios anti-coca.</i></p> <p>—... y después dice con palo lo había hecho pegar, de allí ya no estaba como debe ser, enfermo-enfermo nomashá andaba, se ha muerto el año pasado, pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo, ahora en asamblea te van a contar todo bien, todo están sabiendo ellos; con curanderos también han hecho ver, otro de aquí nomás, otro desde Ocongate han traído. Al Cusco también han llevado, en hospital no han querido recibir, “no hay cama” diciendo. Cada día más flaquecía, sus ojos también hueco-hueco nomashá. Ñección también la habían hecho poner dice. Ñección también no le ha hecho sanar, despachos también no le ha hecho sanar. Sus hijos saben bien, dos</p>	<p><i>Era tamanha a minha obsessão pela necessidade dos estudantes irem para o campo que, por ocasião de um concurso literário para os presos no El Frontón, escrevi o relato de um estudante que vai para o campo colaborar com a organização camponesa. No final não se sabe se é o estudante ou o camponês quem está falando, porque eles se tornam um só. É de se observar que, naquela época, eu ainda tinha preconceitos anti-coca.</i></p> <p>—...e depois diz que com pau nele tinha mandado bater, dali pra frente não estava mais como deve ser, doente-doente toda vida andava, morreu ano passado, mas os filhos continua tendo, dois continua tendo, agora em assembleia vão te contar tudo direitinho, de tudo eles estão sabendo; também vieram ver, outro daqui pertinho, outro de Ocongate trouxeram. Pra Cusco também levaram, mas no hospital não quiseram receber, “não tem leito”, dizendo. Cada dia mais franzino, os olhos também fundo-fundo toda vida. Diz que injeção também fizeram ele tomar. Injeção também não fez ele sarar, benzer também não fez ele sarar. Os seus filhos sabem bem, dois continua tendo, agora vão estar na assembleia.</p> <p>—E o gado dele?</p> <p>—Até agora estão pegando sem pagar, estou te avisando viu, os filhos nem vão mais</p>

<p>está habiendo sus hijos, ahora van a estar en asamblea.</p> <p>—¿Y su ganado?</p> <p>—Hasta ahora se lo está agarrando, te estoy avisando pues, sus hijos ya no lo cobran.</p> <p>—¿Por miedo?</p> <p>—Cómo será, pues.</p> <p>—Mejor, compañero, está bien que no lo cobren, si van a estar en la asamblea no creo que sean muy miedosos. La devolución o el pago de ese ganado tiene que ser uno de los puntos que reclame el sindicato.</p> <p>—Marcos Quispe más bien de su ganado se ha quejado al gobernador, al puesto, al juez y todo para nada. Más peor en el puesto lo han encerrado 24 horas; el juez también le ha dicho: “Oy indio, el caballero no es un <i>cholo abigeo</i> como tú para que digas esas cosas, más bien es muy bueno con sus indios, porque si no ya te hubiera seguido juicio por falsa calúnia para meterte en la cárcel”.</p> <p>—¿Quién es el Juez?</p> <p>—Eudocio Luna, el hacendado de Ch’illka.</p> <p>—Conozco a ese desgraciado, tienen otra hacienda en Anta. Así es, compañero, los mismos gamonales son autoridades: prefectos, subprefectos, presidentes, diputados, jueces. Y cuando no son ellos mismos, ponen a sus amigos, a sus sirvientes. Ellos mismos hacen las leyes a su antojo, nos exigen a todos que las cumplamos y ellos son los primeros en no cumplirlas. Ellos son “personas de respeto”, “gente decente”, “vecinos notables”, “sociedad”, y muchos otros títulos más. Si alguna vez entran en la cárcel es porque se han peleado entre ricos, y aún así, no van a la cárcel sino a una clínica; injusticia hay en todo el Perú, compañero, claro que en el campo es peor, es más descarada, más cruel, más brutal, más primitiva; pero todos los pobres del Perú estamos hermanados por esa injusticia y por eso nuestra lucha debe ser conjunta.</p> <p>Remigio Condori escucha en silencio, y sigue silencioso después de escuchar. ¿Comprende? ¿No comprende? ¿Cree? ¿No cree?</p> <p>¿Mastica?</p> <p>Jorge Carrión escucha el silencio de</p>	<p>atrás.</p> <p>—Por miedo?</p> <p>—Vai saber, né?</p> <p>—É melhor assim, companheiro, melhor eles não irem atrás, se eles vão estar na assembleia não acho que sejam muito medrosos. A devolução ou o pagamento desse gado tem que ser uma das reivindicações do sindicato.</p> <p>—Marcos Quispe sim foi se queixar por conta do seu gado com o governador, na delegacia, com o juiz e tudo para nada. Mais pior, na delegacia ficou preso 24 horas; o juiz também disse pra ele: “Escuta índio, o cavalheiro não é um <i>cholo abigeo</i> como você pra você ficar dizendo essas coisas, pelo contrário, ele é muito bom com os seus índios, porque senão já teria te colocado na justiça por falsa calúnia para te mandar para a prisão.”</p> <p>—Quem é o juiz?</p> <p>—Eudocio Luna, o fazendeiro de Ch’illka.</p> <p>—Conheço esse desgraçado, ele tem outra fazenda em Anta. É bem isso, companheiro, os próprios <i>gamonais</i> são as autoridades: prefeitos, subprefeitos, presidentes, deputados, juizes. E quando não são eles mesmos, colocam os seus amigos, os seus serviçais. Eles mesmos fazem as leis ao seu bel-prazer, exigem que todos cumpram e eles são os primeiros a não cumpri-las. Eles são “pessoas de respeito”, “gente decente”, “moradores ilustres”, “a sociedade” e tantos outros títulos. Se em algum momento chegam a ser detidos é por uma briga entre ricos, e ainda assim não vão pro presídio e sim pra uma clínica; injustiça existe em todo o Peru, companheiro, claro que no campo é pior, é mais descarada, mais cruel, mais brutal, mais primitiva; mas todos nós, os pobres do Peru, nos tornamos irmãos por essa injustiça e por isso nossa luta deve ser conjunta.</p> <p>Remigio Condori escuta em silêncio, e continua calado depois de escutar. Ele está entendendo? Não está? Está acreditando? Não está? Está ruminando?</p> <p>Jorge Carrión escuta o silêncio de Condori, somente esse silêncio, e respeita, guarda, cuida, conhece, deixa ser; e se alguém quisesse quebrá-lo defenderia ele com o seu</p>
--	---

Condori, solo ese silencio, y lo respeta, lo guarda, lo cuida, lo conoce, lo deja ser; y si alguien quisiera quebrarlo lo defendería con su sangre.

Ahí están los dos, caminando en la puna con ese silencio de Condori y tic, tac, tic, tac, tic, tac, sus pasos, el pulso pausado de Condori, el pulso acelerado de Carrión... bomba de tiempo, tic, tac, tic, tac, tic, tac.

Así, puna, tiempo, puna...

De pronto, una curva en el silencio de Carrión: ha visto un *achanqaray*, ¡qué lindo!, y lo piensa en el cabello de Eliana ¡más lindo! Eliana sonriente con su *achanqaray* al pelo...y pudiera ser... él podría llevarle el *achanqaray* a la vuelta, sí, va a llevarle uno. ¿Y los campesinos? ¿Le mirarían como tipo raro? No, mentira, si las campesinas y los campesinos usan flores en el sombrero; sí, va a llevarle uno, pero... no llegará así fresco al Cusco. ¡Ya!, llevará un ramo para escoger el más lozano. “Rojo como tus sueños”, le dirá Eliana y eso a él no le gustará mucho porque sabe que Eliana no cree en esos sueños rojos.

Para él son sueños de carne y hueso, con nombres, con ponchos, con ojotas; ahí delante suyo va uno, en T’impuq le esperan muchos; Marcos Quispe, los hijos de Toribio Puma... “pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo”, y muchos más. Pero eso sí, al llegar a T’impuq, lo primero que haga será tomar chicha, agua, o lo que sea, porque tiene una sed bárbara. ¡Qué sed que da en la puna!, ¡y cómo no con este sol!, ¡y las cuevas!

Transpira por todo el cuerpo, sus sienes: ¡pum! ¡pum!, se seca la frente con el puño de su chaqueta, suda, ya no piensa, camina, camina, vista baja, tierra, yupi, huella, yupi, sol, pum, pum...Vientecito, ¡qué rico vientecito!, más, así, fresco, bueno.

—Descansamos, compañero.

—Pero si todavía no estoy cansado, por mí no te preocupes.

—Así descansamos, compañero.

—Bueno, tú conoces el camino.

Y se junta con el suelo que lo llamaba hace rato. Condori se sienta.

—Coquita, compañero.

—Gracias.

sangre.

Aí estão os dois, caminhando na *puna* com esse silêncio de Condori e tic, tac, tic, tac, tic, tac, os seus passos, o pulso pausado de Condori, o pulso acelerado de Carrión... bomba-relógio, tic, tac, tic, tac, tic, tac. Assim, *puna*, tempo, *puna*...

De repente, uma curva no silêncio de Carrión: viu um *achanqaray*, que lindo!, e pensa nele no cabelo de Eliana, mais lindo ainda! Eliana sorrindo com o seu *achanqaray* no cabelo... e poderia ser... ele poderia levar a flor quando voltasse, sim, vai levar para ela um *achanqaray*. E os camponeses? Olhariam para ele como se fosse um cara estranho? Não, mentira, se as camponesas e os camponeses usam flores no chapéu; sim, vai levar um *achanqaray*, mas... não chegará assim viçoso em Cusco. Isso! Vai levar um ramalhete para escolher a flor que estiver mais bonita. “Vermelho como os teus sonhos”, vai dizer a Eliana, e ele não gostará muito disso porque sabe que Eliana não acredita nesses sonhos vermelhos.

Para ele são sonhos de carne e osso, com nomes, com ponchos, com *ojotas*. Logo ali, na frente dele, está indo um, em T’impuq outros muitos esperam por ele; Marcos Quispe, os filhos de Toribio Puma...“mas os filhos continua tendo, dois continua tendo”, e outros muitos mais. Mas isso sim, quando chegar em T’impuq, a primeira coisa que fará será tomar *chicha*, água, ou o que for, porque está com uma sede absurda. Que sede que dá a *puna*, mas também, com esse sol!... e as ladeiras! Ele transpira por todo o corpo, suas tēmporas: tum, tum! Seca a testa com o punho do casaco, está suando, já não pensa, caminha, caminha, vista baixa, terra, *yupi*, a pegada, *yupi*, sol, tum, tum... Ventinho, que maravilha de ventinho! E mais ainda assim, friozinho, bom.

—Vamos descansar, companheiro.

—Mas eu ainda não estou cansado, por mim você não precisa se preocupar.

—Assim a gente descansa, companheiro.

—Bom, você é que conhece o caminho.

E se junta com o chão que o chamava fazia tempo. Condori se sienta.

—Umas folhinhas de coca, companheiro?

¿Habrá hecho bien en aceptar? Sus sienes siguen pum, pum, pero ya está pensando.

¿Habrá hecho bien en aceptar? “La coca envenena al campesino peruano”. “La coca es un instrumento del gamonalismo”.

—Siempre escogiendo compañero, algunos tienen *llika*, eso hace daño.

—Sí, compañero.

No hay agua, pero con esto olvidará un poco la sed, y la fatiga, la coca le ayudará a llegar a T'impuq. “La coca es un instrumento del gamonalismo”. Ciertamente, es un instrumento del hambre, de la sed, de la fatiga. Hay que matar “de verdad” al hambre, la sed y la fatiga, no “de a por gusto” con coca; y a la coca también hay que matarla “de a verdad”, por eso está yendo a T'impuq, no hay que matarla “de a por gusto”, por eso está *pijchando* coca. Ahora piensa todo esto, al momento de recibir y metérsela a la boca no pensaba, su cabeza estaba ocupada en sudar y hacer pum, pum.

Sosiego.

¡Nube! Gracias

Tenaz en su protesta ese Quispe, podría ser un buen secretario de defensa y así vería fructificar su tensión.

—Y el gobernador, ¿qué le dijo a Quispe?

—“Si me traes gallina no aviso al señor Anselmo lo que me has dicho”.

—¿Y le dio gallina?

—Cómo será compañero.

Y Condori sigue coqueando solemnemente.

¡Ay, *cocallay* coca, que me haces recordar de todo, coca!

Carrión sigue pensando en Quispe seguramente él fue el de la iniciativa para sindicalizarse.

—¿Y ustedes cómo así pensaron en sindicalizarse compañero?

—Yo he sabido compañero, desde antes yo he sabido esas cuestiones. Yo conozco sindicato, asamblea, dirigentes, todo. En valle La Convención he trabajado habilitado.

—¿Estabas afiliado a algún sindicato?

—Yo no, compañero, como entraba poco tiempo, nomás, para qué pues. Mi arrendire sí estaba afiliado. Pero algunas veces yo me seguía a asamblea. En Quillabamba también

—Obrigado.

Será que fez bem em aceitar? Suas tēmporas continuam tum, tum, mas ele já está pensando. Será que fez bem em aceitar? “A coca envenena o camponês peruano”. “A coca é um instrumento do *gamonalismo*”.

—Sempre escolhendo, companheiro, algumas têm *llika*, isso faz mal.

—Sim, companheiro.

Não tem água, mas com isso esquecerá um pouco da sede, e da fadiga, a coca ajudará ele a chegar em T'impuq. “A coca é um instrumento do *gamonalismo*”. Certo, é um instrumento da fome, da sede, da fadiga. É preciso matar “de verdade” a fome, a sede e a fadiga, não “à toa”, com coca; e também é preciso matar a coca “de verdade”, por isso está indo a T'impuq, não deve matá-la “à toa”, por isso está *pijchando* coca. Agora ele está pensando em tudo isso, no momento de receber e colocar a coca na boca não pensava, sua cabeça estava ocupada em suar e fazer tum, tum. Sossego.

Nuven! Obrigado.

Obstinado no seu protesto esse Quispe, poderia ser um bom secretário de defesa e aí veria a sua perseverança render frutos.

—E o governador, o que ele disse para Quispe?

—“Se me der galinha eu não conto para o senhor Anselmo isso que você falou.”

—E ele deu galinha para o governador?

—Vai saber, companheiro.

E Condori continua coqueando de modo solene. Ah, *cocallay* coca, que me faz lembrar tudo, coca!

Carrión continua pensando em Quispe, provavelmente foi dele a iniciativa de se sindicalizarem.

—E vocês como é que pensaram em se sindicalizar, companheiro?

—Eu sabia companheiro, desde antes eu tinha sabido dessas questões. Conheço sindicato, assembleia, dirigentes, tudo. No vale La Convención tinha trabalhado como *habilitado*.

—Você era filiado a algum sindicato?

—Eu não, companheiro, como entrava pouco tempo só, para quê então? Meu *arrendire* sim, estava filiado. Mas algumas vezes eu ia na assembleia. Em Quillabamba

escuchaba mítines, todo que hablaban abuso de los gamonales, todo. Volantes también me recibía siempre, en mi casa está colado en pared. A todos hey mostrado en T'impuq, los chicos de la escuela también han leído. De eso nomás hey dicho a todos, “hay que hacer sindicato”, diciendo; poco a poco nomás hey dicho cuidándome de los llunk'us. En los primeros pocos nomás han querido, otros tenían miedo. Ahora mayor parte está acuerdo, “bien es sindicato”, dicen. Porque más peor está abusando hacendado, por eso han dicho: “Morir, vivir, igual nomás pues es”, diciendo, “¿Acaso cuando ahora no vamos morir después no vamos morir?”, diciendo.

—Así es compañero, cuando uno se decide a luchar debe estar dispuesto a todo. El Gobierno, por servir a los gamonales, hace asesinar a los campesinos que reclaman sus derechos, por eso nosotros recomendamos a los compañeros que se armen para defenderse.

Y ahí se detiene Carrión para ver el efecto de sus palabras; no ve nada. Pero está seguro de no haber metido la pata, fue Condori quien habló de morir, y nadie va a ser tan bobo que piensa morir sin defenderse. De todas maneras, como no ve nada, quiere ver algo.

—¿El gamonal tiene armas?

—Tal vez tendrá, cómo será pues; más bien el hacendado de Yuraqpampa ha dicho: “A cualquier indio que me venga con sindicatos, yo voy a balear como a perro”, diciendo. Carrión se tranquiliza, parece que por acá los hacendados se muestran enteros y eso siempre es mejor, simplifica las cosas.

—¿Vamos compañero?

—Vamos.

Nuevamente la inmensa puna, ahondadora de la pena y el amor. Pero ahora ninguno de los dos se dirige por esos caminos, sus silencios son de otro tipo. Condori dejó todo bien dispuesto. ¿Habrán cumplido los compañeros? La mesa tiene que ser la de Máximo Yupanqui, es más grande que la de Bonifacio, Martín Challco tiene dos vasos de cristal.

Tomás, plato de loza, Juan Quispe pondrá

también escutava comícios, tudo o que falavam, abuso dos *gamonais*, tudo. Panfletos também eu recebia sempre, em minha casa está colado em parede. Pra todos tinha mostrado em T'impuq, os rapazes da escola também leram. De tudo isso só tenho dito pra todos “tem que fazer sindicato”, dizendo; pouco a pouco só tenho dito, me cuidando dos *llunk'us*. Os primeiros, poucos só, quiseram, outros tinham medo. Agora maior parte concorda, “bom é sindicato”, dizem. Porque mais pior está abusando fazendeiro, por isso disseram: “Morrer, viver, é igual, então”, dizendo. “Por acaso quando agora não vamos morrer, depois não vamos morrer igual?”, dizendo.

—É isso mesmo, companheiro, quando a gente toma a decisão de lutar temos que estar dispostos a tudo. Como o Governo serve aos *gamonais*, ele faz os camponeses que reivindicam os seus direitos serem assassinados, por isso nós recomendamos aos companheiros que eles se armem, para se defenderem.

Neste ponto Carrión pára de falar, quer ver o efeito de suas palavras; não vê nada. Mas tem certeza de que não disse nenhuma besteira, foi Condori que falou em morrer, e ninguém vai ser tão bobo de pensar em morrer sem se defender. De qualquer maneira, como ele não vê nada, quer ver alguma coisa.

—O *gamonal* tem armas?

—Talvez tenha, vai saber, né; na verdade, o fazendeiro de Yuraqpampa disse: “Qualquer índio que vier com sindicatos, eu vou meter bala como se fosse animal”, dizendo.

Carrión se acalma, parece que por aqui os fazendeiros mostram a cara e isso é melhor, simplifica as coisas.

—Vamos, companheiro?

—Vamos!

Novamente a imensa *puna*, aguçadora da tristeza e do amor. Mas agora nenhum dos dois se dirige por esses caminhos, os seus silencios são de outro tipo. Condori deixou tudo bem explicado. Os companheiros terão seguido as ordens? A mesa tem que ser a do Máximo Yupanqui, é maior do que a do Bonifacio; Martín Challco tem duas taças de

cucharas de metal, hartos tienen cucharas de metal. En cuanto a la gallina, no hay problema, él pondrá. ¿Acaso no es una ocasión como para comer gallina?, es seguro que otros también le invitarán. ¡Ja, jay!, qué dirá el hacendado cuando le cuenten sus *llunk'us*: “El Remigio Condori le ha traído, él mismo le ha alojado en su casa”, y seguro que va a ocupar también algún cargo en la directiva.

¡Ahora que vea el gamonal!, pero ya sabía desde antes el gamonal, por eso quería botarlo: “Oy indio andariego, tú estás trayendo malas mañas a mi gente”.

Llegan al abra y Condori señala una chocita lejana al pie de una roca, de una inmensa peña.

—En aquella casa vamos hacer asamblea compañero, lejos es de casa hacienda. Carrión ve unos puntitos delante de la choza, ya hay gente reunida, deben ser los que viven lejos; los otros les estarán viendo descender del abra y llegarán antes que ellos al punto de reunión, al pie de la gran roca amiga. ¡Wank'a!

¿Por qué identifican piedra con insensibilidad? Si a estas rocas de puna dan ganas de abrazarse fuerte, pecho a pecho, penetrarla, diluirse en ellas, célula por célula, y que nuestra sangre las circule buscando cosas de puna que ellas seguro saben. ¿Por qué ese peso de puna? ¿Por qué los cactus acá nacen y sin crecer mueren?, ¿Será “de resultas del dolor”? ¿Por qué las florcitas se elevan a cero centímetros de la tierra? ¿Dónde están las lágrimas de esta pena?

¿Por qué están tan adentro los suspiros que no pueden salir? ¿Acá nace el silencio..., puna..., acá sube, puna, todo el Dolor y el Amor de allá abajo, y se condensa y se concentra? ¿Para qué será? Seguro que sabe la roca, todo eso debe saber. Si alairito está llamando, si alairito está queriendo, ¿por qué dicen “como piedra”? ¡Otras piedras serán! Sí, y al pie de esa roca, corazón de puna, será la asamblea. ¿Qué cosas escuchará?

Del vaquero:

—Desde mis abuelos somos sus vaqueros y

cristal¹. Tomás, prato de porcelana; Juan Quispe colocará colheres de metal, muitas pessoas têm colheres de metal. E quanto à galinha, não tem problema, ele levará. Por acaso não é uma ocasião para comer galinha?, com certeza outros também vão convidá-lo. “Ah!”, o que dirá o fazendeiro quando os seus *llunk'us* contarem: “O Remigio Condori que trouxe, Condori mesmo hospedou ele na sua casa”, e sem dúvida vai ocupar também algum cargo na direção. Agora é com o *gamonal*, mas o *gamonal* já sabia desde antes, por isso queria expulsá-lo: “Ei índio vagabundo, você está trazendo maus costumes pra minha gente”.

Chegam no ponto mais alto da estrada e Condori aponta para um casebre distante no pé de uma pedra, de um imenso penhasco.

—Naquela casa vamos fazer assembleia, companheiro, é longe da sede da fazenda.

Carrión vê uns pontinhos na frente da cabana, já tem gente reunida, devem ser os que moram longe; os outros devem estar vendo eles descenderem do alto e chegarão antes deles no local da reunião, no pé da grande pedra amiga. *Wank'a!*

Por que identificam pedra com insensibilidade? Se dá vontade de abraçar forte essas pedras da *puna*, peito com peito, penetrar nelas, se diluir nelas, célula por célula, e que o nosso sangue circule nelas buscando coisas da *puna* que elas com certeza sabem. Por que esse peso de *puna*? Por que aqui os cactus nascem e sem crescer morrem? Será “resultado da dor”?² Por que as florzinhas se erguem a zero centímetros da terra? Onde estão as lágrimas desse penar?

Por que estão tão lá dentro os suspiros que não podem sair? Aqui nasce o silêncio..., *puna*..., aqui sobe, *puna*, toda a Dor e o Amor de lá de baixo, e se condensa e se concentra? Para que será? Com certeza a pedra sabe, tudo isso ela deve saber. Se ela está chamando *alairito*, se ela está amando *alairito*, por que dizem “como pedra”? Devem ser outras pedras! Sim, e no pé daquela pedra, coração de *puna*, será a assembleia. Que coisas ela escutará?

¹ O cristal é considerado de mais qualidade do que a cerâmica artesanal indígena.

² Em espanhol “de resultas del dolor”, citação do poema “Los Nueve Monstruos”, de César Vallejo.

nunca nos han pagado: “Ustedes no pagan yerbaje tienen chacra de papas, con eso pagado”, dice. Cuando se desbarranca tenemos que dar otra vaca; cuando abigeos se llevan, también; cuando puma se lleva cría, también. Mi hijita se ha muerto reuniendo las vacas en la tormenta, no son como las ovejas que se amontonan, las vacas se escapan asustadas para todos lados; de eso mi hija ha agarrado costado y se ha muerto. Con quesos también se descontenta: “Poquito está indio ladrón, seguro te lo vendes”, dice. Cuando ordeñamos más, “cría está flaqueciendo”, ya también dice. De todo descontenta, “con mis vacas nomás te estas manteniendo, indio ocioso”, dice. Cuando quiero salir de vaquero, no consiente, “primero tienes que pagar lo que me debes, hartas vacas me debes”, dice.

—A mí también me han quitado mis ganados.

—Cuatro días en cada semana tenemos que trabajar por las chacritas que nos da.

—Pongos también hay.

—Mit’anis también hay.

—Hartos propios manda para el Cusco.

—Faenas de caminos y sequias (acequias) también no cuenta como trabajo para la hacienda, “separado es faena”, dice.

—Chamoscas también se ataja, no tenemos con qué cocinar. “No es del Estado, es de la hacienda”, dice.

—En Aquilina Huamán también tiene hijo, no quiere reconocer.

—A Hermenegildo Pauqar también con fuele le ha pagado.

... Y muchas perlas más que forman la “honradez y dignidad acrisoladas” siempre mencionadas en banquetes y entierros de las “buenas familias” que llenan las “páginas sociales”.

Carrión “ha perdido el respeto” por “la moralidad, la caballerosidad, y dignidad de antes, de los buenos tiempos”, y le ha acortado el nombre, la llama: “Mierda”. Está orgulloso de pertenecer a una generación que no se horroriza de la minifalda sino del fuele. Una generación que está “quebrando el principio de autoridad”... de la autoridad del “señor Anselmo” y de Eudocio Luna, de ellos.

Do vaqueiro:

—Desde os meus avós que somos os seus vaqueiros e nunca pagaram a gente: “Vocês não pagam pelo capim, têm a roça de batatas, com isso está pago”, disse ele. Quando uma vaca despenca de um barranco temos que dar outra; quando *abigeos* roubam, também; quando puma leva bezerro, também. Minha filhinha morreu juntando as vacas na tempestade; não são como as ovelhas que se amontoam, as vacas escapam assustadas para todo lado. Disso daí minha filha pegou um *costado* e morreu. Com queijo também está descontente: “É muito pouquinho, índio ladrão, tenho certeza que você está vendendo”, ele diz. Quando ordenhamos mais, “os bezeros estão emagrecendo”, diz também. Com tudo está insatisfeito, “você está se sustentando com as minhas vacas, índio folgado”, diz. Quando quero largar de ser vaqueiro, não permite, “primeiro você tem que pagar o que me deve, você me deve muitas vacas”, diz.

—Também tiraram o meu gado de mim.

—Quatro dias em cada semana temos que trabalhar pelas rocinhas que ele dá para gente.

—*Pongos* também tem.

—*Mit’anis* também tem.

—Manda muitos servos até Cusco.

—Serviços de estrada e sequia (canaís) também não conta como trabalho para a fazenda, “é serviço separado”, ele diz.

—*Chamoscas* também segura, não temos com o quê cozinhar. “Não é do Estado, é da fazenda”, ele diz.

—Em Aquilina Huamán também tem filho, não quer reconhecer.

—Hermenegildo Pauqar também levou uma surra de açoite dele.

... E muitas outras pérolas que formam a “honestidade e dignidade aperfeiçoadas” que sempre mencionam em banquetes e funerais das “boas famílias” que enchem as “colunas sociais”.

Carrión “perdeu o respeito” pela “moralidade, cavalheirismo e dignidade de antes, dos bons tempos” e encurtou o nome disso tudo, chama de “merda”. Está orgulhoso de pertencer a uma geração que não fica horrorizada com a minissaia, mas

<p>Los puntitos han crecido y se han diferenciado ponchos y llijllas, la puna ha adquirido olor a gente, los ladridos de los perros se han convertido en meneos de colas alrededor de los dos viajeros y de quienes fueron a “darles alcance”. Miradas y palabras mucho más cordiales que los delicados abrazos. ¡Son ellos! Sí.</p> <p>Compañeros entrañables, dueños del futuro, decididos a hacerse cargo de él, combatientes salidos del dolor, esperanza de la especie humana, transformadores del mundo.</p> <p>Uno de los recién llegados comienza a juntar emociones: un anciano le da su dolor de siglos; una madre su amor infinito; un niño su optimismo; un joven su coraje; reúne otras muchas más y surge de su pecho la palabra:</p> <p>—¡Compañerokuna!</p> <p>La escuchan todos los presentes, pero la palabra sigue.</p> <p>Estalla contra la gran roca y se esparce por los aires, como estrellas, como trigo. Cae a la casa-hacienda y el sapo se estremece de terror, cae en Yuraqpampa y Ch’illka y atraviesa las pieles cobrizas hasta el corazón. Cae en Puno, Piura, Vietnam, Congo, Harlem.</p> <p>—¡Compañerokuna! Como estrellas, como trigo.</p>	<p>sim com o açoite. Uma geração que está “quebrando o princípio de autoridade”... da autoridade do “senhor Anselmo” e de Eudocio Luna, da autoridade deles.</p> <p>Os pontinhos cresceram e já se pode diferenciar os ponchos das <i>llijllas</i>, a puna ganhou o cheiro das pessoas, os latidos dos cães se transformaram em rabos abanando ao redor dos dois viajantes e de quem foi receber eles. Olhares e palavras muito mais cordiais do que os delicados abraços. São eles! Sim. Companheiros queridos, donos do futuro, decididos a se encarregarem dele, combatentes que saíram da dor, esperança da espécie humana, transformadores do mundo.</p> <p>Um dos recém-chegados começa a reunir emoções: um ancião dá a sua dor de séculos; uma mãe, o seu amor infinito; uma criança, o seu otimismo; um jovem, a sua coragem; reúne muitas outras e surge do seu peito a palavra:</p> <p>—<i>Companheirokuna!</i></p> <p>Ela é ouvida por todos os presentes, mas a palavra continua.</p> <p>Ela arrebeta contra a grande pedra e se espalha pelos ares, como estrelas, como trigo. Cai na sede da fazenda e o sapo estremece de terror, cai em Yuraqpampa e Ch’illka, e atravessa as peles acobreadas até o coração. Cai em Puno, Piura, Vietnã, Congo, Harlem.</p> <p>—<i>Companheirokuna!</i> Como estrelas, como trigo.</p>
---	--

Fonte: texto-fonte extraído de *Nosotros los indios* (2016, p. 42-48) e de *Nós xs índios* (2022, p. 99-106)

Na sequência, encontra-se a análise dos trechos, a partir da descrição dos aspectos relevantes e do seu diálogo com as fontes teórico-metodológicas a que recorreremos. Nos exemplos analisados, utilizamos alguns recursos e possibilidades, para mostrar ao leitor brasileiro que mesmo não sendo a língua quéchua por ele conhecida, e não tendo contado com esse idioma, mesmo assim seria possível a compreensão do nosso texto.

Para tanto, um dos recursos utilizados foi a intercompreensão, que nos ajudou a recriar o texto em português, buscando dentro do nosso projeto de tradução reproduzir em nossa língua o mesmo estranhamento que os nativos em língua espanhola também

possivelmente tiveram, ao se depararem com os entrecruzamentos da língua indígena, mas tratando de não perder a beleza da construção poética e literária que o autor Hugo Blanco colocou no texto-fonte. Dessa forma, buscamos não transformar a tradução em um texto totalmente domesticado, mas com uma perspectiva enquanto tradutores/ativistas, fazer com que o resultado desse trabalho seja a potencialização e a visibilização dessa língua/cultura outra que é o quéchua no Brasil, colocando em contato esses sujeitos distintos.

5.1 Análise comparativa de trechos retirados do conto “Puna” de *Nós xs Índixs*

Nesta parte do trabalho buscamos fazer uma separação dos trechos que abordaremos a partir do quadro 2, seguido por mais quatro. As análises foram pensadas e feitas através das observações dos termos, palavras e construções linguísticas semelhantes ou não com o texto-fonte, e que dizem respeito a algumas particularidades dos desafios que pressupuseram a nossa tradução para o português.

Quadro 2: Aspectos da organização estrutural do texto-fonte.

Fragmento	Texto-fonte em espanhol	Tradução em português	Outras possibilidades mais usuais em português
A	<p>—... y después dice con palo lo había hecho pegar, de allí ya no estaba como debe ser, enfermo-enfermo nomashá andaba, se ha muerto el año pasado, pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo, ahora en asamblea te van a contar todo bien, todo están sabiendo ellos; con curanderos también han hecho ver, otro de aquí nomás, otro desde Ocongate han traído. Al Cusco también han llevado, en hospital no han querido recibir, “no hay cama” diciendo. Cada día más flaquecía, sus ojos también hueco-hueco nomashá. Iñección también la habían hecho poner dice. Iñección también no le ha hecho sanar, despachos también no le ha hecho sanar. Sus hijos saben bien, dos está habiendo sus hijos, ahora van a estar en asamblea.</p>	<p>—...e depois diz que com pau nele tinha mandado bater, dali pra frente não estava mais como deve ser, doente-doente toda vida andava, morreu ano passado, mas os filhos continua tendo, dois continua tendo, agora em assembleia vão te contar tudo direitinho, de tudo eles estão sabendo; também vieram ver, outro daqui pertinho, outro de Ocongate trouxeram. Pra Cusco também levaram, mas no hospital não quiseram receber, “não tem leito”, dizendo. Cada dia mais franzino, os olhos também fundo-fundo toda vida. Diz que injeção também fizeram ele tomar. Injeção também não fez ele sarar, benzer também não fez ele sarar. Os seus filhos sabem bem, dois continua tendo, agora vão estar na assembleia.</p>	<p>—...e depois diz que tinha mandado bater nele com pau andava severamente muito doente, ficaram dois filhos que ainda estão vivos, eles sabem de tudo; vieram ver outro perto daqui e trouxeram outro de Ocongate. Levaram para Cusco também, mas não foram recebidos no hospital, disseram "não haver leito". Também dizem que fizeram ele tomar injeção. E que a injeção também não fez ele sarar, benzer também não. Seus filhos sabem bem, dois estão vivos, e agora irão na assembleia.</p>
B	<p>Para él son sueños de carne y hueso, con nombres, con ponchos, con ojotas; ahí delante suyo va uno, en T'impuq le esperan muchos; Marcos Quispe, los hijos de Toribio Puma... “pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo”, y muchos más.</p>	<p>Para ele são sonhos de carne e osso, com nomes, com ponchos, com <i>ojotas</i>. Logo ali, na frente dele, está indo um, em T'impuq outros muitos esperam por ele; Marcos Quispe, os filhos de Toribio Puma...“mas os filhos continua tendo, dois continua tendo”, e outros muitos mais.</p>	<p>Logo ali, na sua frente, está indo um, "mas os filhos estão vivos, lhe restam dois", e muitos outros mais.</p>
C	<p>Volantes también me recibía siempre, en mi casa está colado en pared. A todos hey mostrado en T'impuq, los chicos de la escuela también han leído. De eso nomás hey dicho a todos, “hay que hacer</p>	<p>Panfletos também eu recebia sempre, em minha casa está colado em parede. Pra todos tinha mostrado em T'impuq, os rapazes da escola também leram. De tudo isso só tenho dito pra todos “tem</p>	<p>Eu também sempre recebia panfletos para colar na parede de minha casa. Tinha mostrado para todos Disse para todos, depois de tudo isso, só tenho a dizer:</p>

	<p>sindicato”, diciendo; poco a poco nomás hey dicho cuidándome de los llunk’us. En los primeros pocos nomás han querido, otros tenían miedo. Ahora mayor parte está acuerdo, “bien es sindicato”, dicen. Porque más peor está abusando hacendado, por eso han dicho: “Morir, vivir, igual nomás pues es”, diciendo, “¿Acaso cuando ahora no vamos morir después no vamos morir?”, diciendo.</p>	<p>que fazer sindicato”, dizendo; pouco a pouco só tenho dito, me cuidando dos <i>llunk’us</i>. Os primeiros, poucos só, quiseram, outros tinham medo. Agora maior parte concorda, “bom é sindicato”, dizem. Porque mais pior está abusando fazendeiro, por isso disseram: “Morrer, viver, é igual, estão”, dizendo. “Por acaso quando agora não vamos morrer, depois não vamos morrer igual?”, dizendo.</p>	<p>"tem que fazer sindicato";</p> <p>A princípio, foram poucos que aderiram e quiseram, outros tinham medo. Agora a maioria concorda, e dizem "sindicato é bom".</p> <p>Porque, pior ainda, o fazendeiro está abusando,</p> <p>"Morrer, viver, é igual, então" disse.</p> <p>"Se porventura não morrermos agora, não iremos morrer igual depois?"</p>
D	<p>—¿El gamonal tiene armas? —Tal vez tendrá, cómo será pues; más bien el hacendado de Yuraqpampa ha dicho: “A cualquier indio que me venga con sindicatos, yo voy a balear como a perro”, diciendo.</p>	<p>O <i>gamonal</i> tem armas? Talvez tenha, vai saber, né; na verdade, o fazendeiro de Yuraqpampa disse: “Qualquer índio que vier com sindicatos, eu vou meter bala como se fosse animal”, dizendo.</p>	<p>Disse: "Qualquer índio que vier com sindicatos, eu vou meter bala como se fosse animal".</p>
E	<p>¿Por qué están tan adentro los suspiros que no pueden salir? ¿Acá nace el silencio..., <i>puna</i>..., acá sube, <i>puna</i>, todo el Dolor y el Amor de allá abajo, y se condensa y se concentra? ¿Para qué será? Seguro que sabe la roca, todo eso debe saber. Si alairito está llamando, si alairito está queriendo, ¿por qué dicen “como piedra”?</p>	<p>Por que estão tão lá dentro os suspiros que não podem sair? Aqui nasce o silêncio..., <i>puna</i>..., aqui sobe, <i>puna</i>, toda a Dor e o Amor de lá de baixo, e se condensa e se concentra? Para que será? Com certeza a pedra sabe, tudo isso ela deve saber. Se ela está chamando alairito, se ela está amando alairito, por que dizem “como pedra”?</p>	<p>Por que os suspiros que estão bem lá dentro de nós não podem sair?</p> <p>Com certeza a pedra sabe de tudo, de tudo ela deve saber.</p>
F	<p>Quando se desbarranca tenemos que dar otra vaca; cuando abigeos se llevan, también; cuando puma se lleva cría, también. Mi hijita se ha muerto reuniendo las vacas en la tormenta, no son como las ovejas que se amontonan, las vacas se escapan asustadas para todos lados; de eso mi hija ha agarrado costado y se ha muerto. Con quesos también se descontenta: “Poquito está indio ladrón, seguro te lo</p>	<p>Quando uma vaca despenca de um barranco temos que dar outra; quando abigeos roubam, também; quando puma leva bezerro, também. Minha filhinha morreu juntando as vacas na tempestade; não são como as ovelhas que se amontoam, as vacas escapam assustadas para todo lado. Disso daí minha filha pegou um <i>costado</i> e morreu. Com queijo também está descontente: “É muito pouquinho, índio ladrão,</p>	<p>quando ladrões roubam, também; quando um bezerro é levado por um puma, também.</p> <p>Ele diz: "Tem muito pouco,</p>

	<p>vendes”, dice. Cuando ordeñamos más, “cría está flaqueciendo”, ya también dice.</p>	<p>tenho certeza que você está vendendo”, ele diz. Quando ordenhamos mais, “os bezerros estão emagrecendo”, diz também.</p>	<p>índio ladrão, tenho certeza que você está vendendo”. Quando tiramos mais leite, “os bezerros ficam cada vez mais magros” e isso também comprova o que digo.</p>
G	<p>—Pongos también hay. —Mit’anis también hay. —Hartos propios manda para el Cusco. —Faenas de caminos y sequias (acequias) también no cuenta como trabajo para la hacienda, “separado es faena”, dice. —Charamoscas también se ataja, no tenemos con qué cocinar.</p>	<p>Pongos também tem. Mit’anis também tem. —Manda muitos servos até Cusco. —Serviços de estrada e sequia (canais) também não conta como trabalho para a fazenda, “é serviço separado”, ele diz. —Charamoscas também segura, não temos com o quê cozinhar.</p>	<p>Também tem Pongos. Também tem Mit’anis.</p>

Fonte: elaboração própria.

Analisando os exemplos selecionados do **Quadro 2**, foi possível observar em especial o fenômeno da ordem da língua quéchua, ou seja, de como a construção **Sujeito - Objeto – Verbo (SOV)** se encontra presente nas formulações em espanhol. Em alguns desses fragmentos, também podemos notar que há orações que terminam com formas verbais em gerúndio ou perífrases, como “*diciendo*” (A), “*está habiendo*” (B, C e D), “*está queriendo*” (E) e “*está flaqueciendo*” (F). Apesar de esta ser uma ordem pouco natural em português (como se observa, por exemplo, na terceira coluna, em que se buscou expressar uma ordem mais fluida em nossa língua), decidiu-se mantê-la também na tradução, tal qual se encontrava no texto-fonte.

Para este conjunto de casos que apresentam formulações pouco comuns tanto em espanhol geral como em português, muitas vezes foi utilizado o recurso da intercompreensão, apostando que esse estranhamento na tradução para o português poderia ser superado pelos leitores, em razão da série de decisões efetuadas, como a forte vinculação com uma linguagem mais oral reproduzida no texto-meta. Disso são exemplos o não estabelecimento de concordância nominal em determinados casos, como “*está habiendo sus hijos*” por “os filhos **continua** tendo” (fragmento A); o emprego de pronomes de sujeito na posição de complemento (como “no **le** ha hecho sanar” por “não fez **ele** sarar” (fragmento A); e ainda a inclusão de pronomes de sujeito em orações em que ele poderia ser recuperado ainda que não textualmente, como em “*todo eso debe saber*” por “tudo isso **ela** deve saber” (fragmento E).

Ou seja, era importante deixar claro que queríamos que o estranhamento do espanhol atravessado pela língua quíchua, como valor estilístico e cultural desse texto-fonte, fosse marcada também no texto-meta. Se observarmos a terceira coluna, veremos que em muitos dos casos esse estranhamento poderia ter sido suprimido. Entretanto, era nossa intenção para marcar nossa identidade como tradutores e criadores desse novo texto, sem deixar que o mesmo perdesse sua riqueza poética e cultural.

Para concluir esse tópico, vale dizer que em alguns dos exemplos reunidos no Quadro 2, por outro lado, especialmente os que se relacionavam a estruturas mais comuns em língua espanhola do que em língua portuguesa, essa escolha nem sempre foi unânime. Disso é exemplo a anteposição do verbo ao sujeito, como em “*¿Por qué **están** tan adentro los suspiros que no pueden salir?*” (fragmento E) por “Por que **estão** tão lá dentro os suspiros que não podem sair?”, o que poderia causar menor naturalidade no texto traduzido. Essa opção, contudo, nem sempre foi observada, como em “*Seguro que **sabe** la roca*” por “Com certeza a pedra **sabe**”, no mesmo fragmento mencionado (fragmento E), por entendemos no grupo que tal decisão era individual a cada fragmento de texto traduzido, não podendo ser generalizada.

Quadro 3: Efeito de repetição de termos.

Fragmento	Texto-fonte em espanhol	Tradução em português	Outras possibilidades mais usuais em português
A	<p>—... y después dice con palo lo había hecho pegar, de allí ya no estaba como debe ser, enfermo-enfermo nomashá andaba, se ha muerto el año pasado, pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo, ahora en asamblea te van a contar todo bien, todo están sabiendo ellos;</p> <p>Al Cusco también han llevado, en hospital no han querido recibir, “no hay cama” diciendo. Cada día más flaquecía, sus ojos también hueco-hueco nomashá.</p>	<p>—...e depois diz que com pau nele tinha mandado bater, dali pra frente não estava mais como deve ser, doente-doente toda vida andava, morreu ano passado, mas os filhos continua tendo, dois continua tendo, agora em assembleia vão te contar tudo direitinho, de tudo eles estão sabendo;</p> <p>Pra Cusco também levaram, mas no hospital não quiseram receber, “não têm leito”, dizendo. Cada dia mais franzino, os olhos também fundo-fundo toda vida.</p>	<p>...e depois dizem que tinha mandado bater nele com pau, dali pra frente não estava mais como deve ser, andava adoentado por toda vida, morreu ano passado, mas os filhos continuam vivos, dois continua com ele, agora estão em assembleia vão te contar tudo direitinho, eles estão sabendo de tudo;</p> <p>Também o levaram para Cusco, mas no hospital não o quiseram receber, “não temos leito”, disseram. Seu corpo cada dia mais franzino, seus olhos com olheiras e muito fundos toda vida.</p>

Fonte: elaboração própria.

Nesta análise do **Quadro 3**, encontramos outra característica interessante do texto-fonte: a repetição de um termo, como se este se tratasse de uma palavra composta. Neste caso, observamos que tal recurso era empregado para enfatizar alguma coisa, na primeira parte do fragmento A, o quão doente estava um indivíduo. Mais adiante, no final do fragmento, se retrata a profundidade exacerbada, que podemos interpretar até como uma imagem meio cadavérica, os olhos fundos de uma pessoa enferma/adoentada.

Não houve uma mudança tão profunda na tradução, no que diz respeito a esse traço estilístico, optando-se por manter a repetição também em português. Aqui, além do recurso da intercompreensão, buscou-se adequar palavras que dessem conta de aproximar o significado do que se propõe dentro da narrativa do texto-fonte, a partir da recriação, no sentido de Campos (2011), do efeito estético observado, em sua transposição para a língua portuguesa, já que “não se traduz o que é linguagem num texto, mas o que é não linguagem”, posto que “tanto a possibilidade como a necessidade da tradução residem no fato de que entre signo e significado impera a alienação” (CAMPOS, 2011, p.30/31).

Quadro 4: Percepção e (re)criação da oralidade.

Fragmento	Texto-fonte em espanhol	Tradução em português	Outras possibilidades mais usuais em português
A	<p>—... y después dice con palo lo había hecho pegar, de allí ya no estaba como debe ser, enfermo-enfermo nomashá andaba, se ha muerto el año pasado, pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo, ahora en asamblea te van a contar todo bien, todo están sabiendo ellos;</p> <p>otro de aquí nomás, otro desde Ocongate han traído. Al Cusco también han llevado, en hospital no han querido recibir, “no hay cama” diciendo.</p>	<p>—...e depois diz que com pau nele tinha mandado bater, dali pra frente não estava mais como deve ser, doente-doente toda vida andava, morreu ano passado, mas os filhos continua tendo, dois continua tendo, agora em assembleia vão te contar tudo direitinho, de tudo eles estão sabendo;</p> <p>outro daqui pertinho, outro de Ocongate trouxeram. Pra Cusco também levaram, mas no hospital não quiseram receber, “não tem leito”, dizendo.</p>	<p>...e depois dizem que tinha mandado bater nele com pau, dali pra frente não estava mais como deve ser, andava adoentado por toda vida, morreu ano passado, mas os filhos continuam vivos, dois continua com ele, agora estão em assembleia vão te contar tudo direitinho, eles estão sabendo de tudo;</p> <p>trouxeram outro daqui de pertinho, de Ocongate. Levaram para Cusco também, mas no hospital não o quiseram receber, dizendo “não ter leito”.</p>
B	<p>—Hasta ahora se lo está agarrando, te estoy avisando pues, sus hijos ya no lo cobran. —¿Por miedo? —Cómo será, pues.</p>	<p>—Até agora estão pegando sem pagar, estou te avisando viu, os filhos nem vão mais atrás. —Por medo? —Vai saber, né?</p>	<p>Até agora estão pegando sem pagar, estou lhe avisando, viu, os filhos nem vão mais atrás. Por medo? Será?</p>
C	<p>Más peor en el puesto lo han encerrado 24 horas;</p> <p>el juez también le ha dicho: “Oy indio, el caballero no es un cholo abigeo como tú para que digas esas cosas, más bien es muy bueno con sus indios, porque si no ya te hubiera seguido juicio por falsa calúnia para meterte en la cárcel”.</p> <p>Así es, compañero, los mismos gamonales son autoridades: prefectos, subprefectos,</p>	<p>Mais pior, na delegacia ficou preso 24 horas;</p> <p>o juiz também disse pra ele: “Escuta índio, o cavalheiro não é um <i>cholo abigeo</i> como você pra você ficar dizendo essas coisas, pelo contrário, ele é muito bom com os seus índios, porque senão já teria te colocado na justiça por falsa calúnia para te mandar para a prisão.”</p> <p>É bem isso, companheiro, os próprios <i>gamonais</i> são as autoridades: prefeitos, subprefeitos, presidentes, deputados, juízes.</p>	<p>Complicado, na delegacia ficou preso 24 horas;</p> <p>o juiz também lhe disse: “Escuta índio, o cavalheiro não é um cholo abigeo como você, para que fique dizendo essas coisas, pelo contrário, ele é muito bom com os seus índios, porque senão já teria lhe colocado na justiça por falsa calúnia e assim te mandar para a prisão.”</p> <p>É isso mesmo, companheiro, os próprios gamonais são as autoridades: prefeitos, subprefeitos, presidentes, deputados, juízes.</p>

	presidentes, diputados, jueces.		
D	<p>Si alguna vez entran en la cárcel es porque se han peleado entre ricos, y aún así, no van a la cárcel sino a una clínica;</p> <p>Remigio Condori escucha en silencio, y sigue silencioso después de escuchar. ¿Comprende? ¿No comprende? ¿Cree? ¿No cree? ¿Mastica?</p>	<p>Se em algum momento chegam a ser detidos é por uma briga entre ricos, e ainda assim não vão pro presídio e sim pra uma clínica;</p> <p>Remigio Condori escuta em silêncio, e continua calado depois de escutar. Ele está entendendo? Não está? Está acreditando? Não está? Está ruminando?</p>	<p>Se em algum momento chegarem a ser detidos é por uma briga entre ricos, e ainda assim não vão para presídio e sim para uma clínica;</p> <p>Remigio Condori escuta em silêncio, e continua calado depois de escutar. Será que ele está entendendo? Não está? Está acreditando? Não está? Está refletindo?</p>
E	¿Y los campesinos? ¿Le mirarían como tipo raro ?	E os camponeses? Olhariam para ele como se fosse um cara estranho ?	Aqui a construção ficou bem em português de acordo com a norma culta.
F	<p>se seca la frente con el puño de su chaqueta, suda, ya no piensa, camina, camina, vista baja, tierra, yupi, huella, yupi, sol, pum, pum...</p> <p>Vientecito, ¡qué rico vientecito!, más, así, fresco, bueno. —Descansamos, compañero. —Pero si todavía no estoy cansado, por mí no te preocupes. —Así descansamos, compañero.</p>	<p>Seca a testa com o punho do casaco, está suando, já não pensa, caminha, caminha, vista baixa, terra, <i>yupi</i>, a pegada, <i>yupi</i>, sol, tum, tum...</p> <p>Ventinho, que maravilha de ventinho! E mais ainda assim, friozinho, bom. —Vamos descansar, companheiro. —Mas eu ainda não estou cansado, por mim você não precisa se preocupar. —Assim a gente descansa, companheiro.</p>	<p>Seca a testa com o punho do casaco, está suando, já não pensa, anda para lá e pra cá, com olhos baixos, terra, yupi, a pegada, yupi, sol, tum, tum...</p> <p>Aqui a construção ficou bem de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.</p>
G	<p>Hay que matar “de verdad” al hambre, la sed y la fatiga, no “de a por gusto” con coca; y a la coca también hay que matarla “de la verdad”, por eso está yendo a T’impuq, no hay que matarla “de a por gusto”, por eso está</p>	<p>É preciso matar “de verdade” a fome, a sede e a fadiga, não “à toa”, com coca;</p> <p>e também é preciso matar a coca “de verdade”, por isso está indo a T’impuq, não deve matá-la “à toa”, por isso está <i>pijchando</i> coca.</p>	<p>É preciso matar “de verdade” a fome, a sede e a fadiga, não “assim de qualquer jeito” com coca;</p> <p>e também é preciso matar a coca “de verdade”, por isso está indo a T’impuq, não deve matá-la “assim de qualquer jeito”, por isso está <i>pijchando</i> coca.</p>

	pijchando coca.		
H	<p>—Cómo será compañero. Y Condori sigue coqueando solemnemente. ¡Ay, cocallay coca, que me haces recordar de todo, coca! Carrión sigue pensando en Quispe seguramente él fue el de la iniciativa para sindicalizarse. —¿Y ustedes cómo así pensaron en sindicalizarse compañero?</p>	<p>—Vai saber, compañero. E Condori continua coqueando de modo solene. Ah, <i>cocallay</i> coca, que me faz lembrar tudo, coca! Carrión continua pensando em Quispe, provavelmente foi dele a iniciativa de se sindicalizarem. —E vocês como é que pensaram em se sindicalizar, compañero?</p>	<p>Como vai ser, compañero. E Condori continua mascando sua coca de modo solene. Ah, <i>cocallay</i> coca, que faz eu me lembrar de tudo, coca! Carrión pensando em Quispe, provavelmente foi dele a iniciativa de se sindicalizarem. E vocês como é que pensaram em se sindicalizarem compañeros?</p>
I	<p>—Yo no, compañero, como entraba poco tiempo, nomás, para qué pues. Mi arrendire sí estaba filiado.</p>	<p>—Eu não, compañero, como entraba pouco tempo só, para qué então? Meu <i>arrendire</i> sim, estava filiado.</p>	<p>Eu não, compañero, como entraba por pouco tempo, para qué então? Meu <i>arrendire</i> sim, estava filiado.</p>
J	<p>Porque más peor está abusando hacendado, por eso han dicho: “Morir, vivir, igual nomás pues es”, diciendo,</p>	<p>Porque mais pior está abusando fazendeiro, por isso disseram: “Morrer, viver, é igual, então”, dizendo.</p>	<p>Porque é muito complicado, o fazendeiro está abusando, por isso disseram: Então disseram “Morrer, viver, é igual.</p>
L	<p>Pero está seguro de no haber metido la pata, fue Condori quien habló de morir, y nadie va a ser tan bobo que piensa morir sin defenderse. —Tal vez tendrá, cómo será pues; más bien el hacendado de Yuraqpampa ha dicho: “A cualquier indio que me venga con sindicatos, yo voy a balear como a perro”, diciendo. Carrión se tranquiliza, parece que por acá los hacendados se muestran enteros y eso siempre es</p>	<p>Mas tem certeza de que não disse nenhuma besteira, foi Condori que falou em morrer, e ninguém vai ser tão bobo de pensar em morrer sem se defender. —Talvez tenha, vai saber, né; na verdade, o fazendeiro de Yuraqpampa disse: “Qualquer índio que vier com sindicatos, eu vou meter bala como se fosse animal”, dizendo. Carrión se acalma, parece que por aqui os fazendeiros mostram a cara e isso é</p>	<p>Aqui a construção está de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Talvez tenha, como se pode saber; na verdade, o fazendeiro de Yuraqpampa disse: “Qualquer índio que vier com sindicatos, eu vou matar como a um animal”. Carrión se acalma, parece que por aqui os fazendeiros não se escondem, não tem medo de mostrar suas caras, e isso é</p>

	mejor, simplifica las cosas.	melhor, simplifica as coisas.	melhor, simplificam as coisas
M	“Oy indio andariego, tú estás trayendo malas mañas a mi gente”.	“Ei índio vagabundo, você está trazendo maus costumes pra minha gente”.	“Olha só índio vagabundo, você está trazendo maus costumes para a minha gente”.
N	de eso mi hija ha agarrado costado y se ha muerto.	Disso daí minha filha pegou um costado e morreu.	Desse jeito minha filha também pegou um costado e morreu.

Fonte: elaboração própria.

Observando os fragmentos destacados no **Quadro 4**, foi possível perceber como existe uma tentativa de trazer para a escrita uma certa oralidade, já presente em espanhol, o que pode ser visto, por exemplo, através de marcadores conversacionais, como “*pues*”, ou expressões como “*meter la pata*” e “*de a por gusto*”, entre outras, algumas delas talvez por influência da língua quéchua.

Na tradução, foram utilizadas distintas formas para reproduzir o tom mais coloquial encontrado na leitura do texto em espanhol. Alguns desses recursos são os mesmos usados no texto-fonte, tais como expressões ou palavras que remetiam a usos orais, como “*de a por gusto*” por “*à toa*” (fragmento G) e marcadores, como “*pues*” e “*né*” (fragmento B). Também é possível enxergar compensações usadas em português, mas que não apareciam no texto em espanhol, como exemplo temos a primeira pessoa do plural “*descansamos*” por “*a gente descansa*” (fragmento F) e, ainda, a preposição final “*a*” (e variações como “*a/*” e “*a la*”) em espanhol por “*pra*” em português (fragmentos A e D).

Dessa maneira, buscou-se trazer esse mesmo efeito oral/coloquial com o uso de algumas palavras, por exemplo, diminutivos, “*direitinho*”, “*pertinho*” (fragmento A), que conseguiram dizer o que era preciso tornando o texto mais próximo do tom encontrado no texto-fonte, a partir da leitura. Como se observa, não se trata de deixar o texto final igual ao texto em espanhol, o que sequer seria possível, mas de trazer para o texto em português características que remetam o leitor brasileiro a esse universo da oralidade, experiência que os leitores do texto-fonte podem experimentar: uma prova do mesmo estranhamento que tais usos podem ter que para o leitor do texto-fonte, e mesmo assim consegue entender perfeitamente o que nele se propõe.

Outra observação relevante foi o uso de um linguajar que é mais utilizado em regiões de cunho campesino, em que determinadas palavras e expressões apareciam,

algumas relacionadas a um linguajar oral mais localizado, que vinculamos em alguns casos ao âmbito rural, usadas no dia a dia, nem sempre acordes ao que estipula a língua-padrão em português. Para tanto, foram adotadas certas expressões que pudessem recuperar tal percepção e para dar vida ao que se queria dizer em português, como exemplo: “**mais pior**” (fragmento C), “**vai saber**” (fragmento H), “**meter bala**” e “**mostrar a cara**” (ambos presentes no fragmento L), entre outros. Novamente podemos averiguar que tais fragmentos foram assim traduzidos como uma tentativa de recriar, de acordo com Campos (2011), o texto-meta, não só com o sentido apenas de comunicar de forma simples, mas sim fazer com que o texto mostrasse aquilo que não está na superfície, isto é, no seu teor mais poético e no seu estilo.

Podemos ver o papel importante da intercompreensão (ESCUDE; DEL OLMO, 2019), no sentido de entender que o texto-fonte trazia no seu bojo um tom oral, que se buscou recriar no texto em português e que confiamos que apesar da linguagem mais com estilo de uma oralidade, que pode remeter a um universo inclusive camponês, o leitor brasileiro, por mais alheio a tal âmbito, poderia dar conta de entender o texto. Assim, a tradução busca não perder o encanto poético e literário que o texto-fonte carrega.

Quadro 5: Empréstimos da língua quéchua.

Fragmento	Texto-fonte em espanhol	Tradução em português	Explicação presente no Glossário da tradução
A	“Oy indio, el caballero no es un <i>cholo abigeo</i> como tú para que digas esas cosas, más bien es muy bueno con sus indios, porque si no ya te hubiera seguido juicio por falsa calumnia para meterte en la cárcel”.	“Escuta índio, o cavalheiro não é um <i>cholo abigeo</i> como você pra você ficar dizendo essas coisas, pelo contrário, ele é muito bom com os seus índios, porque senão já teria te colocado na justiça por falsa calúnia para te mandar para a prisão.”	cholo: refere, no fragmento, à pessoa com traços indígenas. Proveniente do contexto de invasão e colonização espanhola nos Andes, tem na sua origem e em muitos de seus usos até hoje um forte sentido discriminatório. abigeo: ladrão de gado
B	Así es, compañero, los mismos <i>gamonales</i> son autoridades: prefectos, subprefectos, presidentes, diputados, jueces.	É bem isso, companheiro, os próprios <i>gamonais</i> são as autoridades: prefeitos, subprefeitos, presidentes, deputados, juízes.	gamonal(is): do idioma espanhol, vocábulo utilizado para referir a pessoas com grande influência; no texto se emprega para fazer alusão ao latifundiário, ao fazendeiro. O gamonalismo, conseqüentemente, seria a estrutura organizacional na qual o poder regional é detido pelos fazendeiros, com base na submissão de outros grupos, especialmente os indígenas. Assemelha-se ao que no Brasil conhecemos como “coronelismo
C	De pronto, una curva en el silencio de Carrión: ha visto un <i>achanqaray</i> , ¡qué lindo!	De repente, uma curva no silêncio de Carrión: viu um <i>achanqaray</i> , que lindo!	achanqaray: flor das altitudes andinas, da família Begoniaceae, uma espécie de begônia.
D	Para él son sueños de carne y hueso, con nombres, con ponchos, con <i>ojotas</i> ; ahí delante suyo va uno, en T'impuq le esperan muchos; Marcos Quispe, los hijos de Toribio Puma... “pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo”, y muchos más. Pero eso sí, al llegar a T'impuq, lo primero que haga será tomar <i>chicha</i> , agua, o lo que sea, porque tiene	Para ele são sonhos de carne e osso, com nomes, com ponchos, com <i>ojotas</i> . Logo ali, na frente dele, está indo um, em T'impuq outros muitos esperam por ele; Marcos Quispe, os filhos de Toribio Puma...“mas os filhos continua tendo, dois continua tendo”, e outros muitos mais. Mas isso sim, quando chegar em T'impuq, a primeira coisa que fará será tomar <i>chicha</i> , água, ou o que for, porque está com uma sede absurda. Que sede que dá a <i>puna</i> , mas também, com esse sol!... e as ladeiras! Ele transpira por	ojotas: (do quéchua “usut'a”, “ushuta” ou “juk'uta”) termo em espanhol para designar as sandálias andinas feitas de couro ou de filamento vegetal, usadas especialmente pelos camponeses. chicha: tipo de bebida tradicional de povos originários, sobretudo dos Andes, mas também de outras regiões atualmente denominadas latino-americanas, produzida a partir da fermentação de cereais

	<p>una sed bárbara. ¡Qué sed que da en la puna!, ¡y cómo no con este sol!, ¡y las cuestras!</p> <p>Transpira por todo el cuerpo, sus sienas: ¡pum! ¡pum!, se seca la frente con el puño de su chaqueta, suda, ya no piensa, camina, camina, vista baja, tierra, yupi, huella, yupi, sol, pum, pum...</p>	<p>todo o corpo, suas tēmporas: tum, tum! Seca a testa com o punho do casaco, está suando, já não pensa, caminha, caminha, vista baixa, terra, yupi, a pegada, yupi, sol, tum, tum...</p>	<p>como milho, quinoa, arroz, entre outros. Jornal chicha, por outro lado, designa uma publicação de tipo sensacionalista.</p> <p>puna: nome dado a uma ecorregião do altiplano própria da área central da Cordilheira dos Andes, marcada por um bioma específico relacionado à montanha e às altas altitudes. No caso peruano, abarca os territórios do centro e do sul do país, e zonas localizadas entre os 3000 e 4500 metros acima do nível do mar.</p> <p>yupi: “pegada” em quéchua.</p>
E	<p>“La coca envenena al campesino peruano”. “La coca es un instrumento del gamonalismo”.</p> <p>—Siempre escogiendo compañero, algunos tienen llika, eso hace daño.</p>	<p>“A coca é um instrumento do gamonalismo”.</p> <p>—Sempre escolhendo, companheiro, algumas têm llika, isso faz mal.</p>	<p>gamonalismo, conseqüentemente, seria a estrutura organizacional na qual o poder regional é detido pelos fazendeiros, com base na submissão de outros grupos, especialmente os indígenas. Assemelha-se ao que no Brasil conhecemos como “coronelismo”.</p> <p>llika: em quéchua, “teia de aranha”.</p>
F	<p>Hay que matar “de verdad” al hambre, la sed y la fatiga, no “de a por gusto” con coca; y a la coca también hay que matarla “de a verdad”, por eso está yendo a T’impuq, no hay que matarla “de a por gusto”, por eso está pijchando coca.</p>	<p>É preciso matar “de verdade” a fome, a sede e a fadiga, não “à toa”, com coca; e também é preciso matar a coca “de verdade”, por isso está indo a T’impuq, não deve matá-la “à toa”, por isso está pijchando coca.</p>	<p>pijchando / pikchavam: (do verbo quéchua “pikchay” e do vocabulário aimara “pijchar”) mascar as folhas de qualquer planta, especialmente de coca.</p>
G	<p>¡Ay, cocallay coca, que me haces recordar de todo, coca!</p>	<p>Ah, cocallay coca, que me faz lembrar tudo, coca!</p>	<p>cocallay / kokallay: em quéchua, “coca profundamente minha”.</p>

H	<p>En valle La Convención hey trabajado <u>habilitado</u>.</p> <p>—¿Estabas afiliado a algún sindicato?</p> <p>—Yo no, compañero, como entraba poco tiempo, nomás, para qué pues. Mi <u>arrendire</u> sí estaba afiliado.</p>	<p>No vale La Convención tinha trabalhado como <u>habilitado</u>.</p> <p>—Você era filiado a algum sindicato?</p> <p>—Eu não, companheiro, como entrava pouco tempo só, para quê então? Meu <u>arrendire</u> sim, estava filiado.</p>	<p>habilitado: assalariado agrícola trabajador na localidade de La Convención.</p> <p>arrendire: refere-se ao camponês oprimido pelo fazendeiro e, ao mesmo tempo, opressor do <u>habilitado</u>, sendo este último o assalariado agrícola.</p>
I	<p>¡Ja, jay!, qué dirá el hacendado cuando le cuenten sus <u>llunk'us</u>: “El Remigio Condori le ha traído, él mismo le ha alojado en su casa”, y seguro que va a ocupar también algún cargo en la directiva.</p>	<p>“Ah!”, o que dirá o fazendeiro quando os seus <u>llunk'us</u> contarem: “O Remigio Condori que trouxe, Condori mesmo hospedou ele na sua casa”, e sem dúvida vai ocupar também algum cargo na direção.</p>	<p>llunk'us: em quéchua, “servil”; no contexto é empregado como sinônimo de “bajulador”.</p>
J	<p>los otros les estarán viendo descender del abra y llegarán antes que ellos al punto de reunión, al pie de la gran roca amiga. <u>¡Wank'a!</u></p>	<p>os outros devem estar vendo eles descerem do alto e chegarão antes deles no local da reunião, no pé da grande pedra amiga. <u>Wank'a!</u></p>	<p>wank'a: palavra quéchua que pode denominar “pedra grande”, “rocha”, como no texto, ou ainda “penhasco”.</p>
L	<p>¿Por qué ese peso de <u>puna?</u></p>	<p>Por que esse peso de <u>puna?</u></p>	<p>puna: nome dado a uma ecorregião do altiplano própria da área central da Cordilheira dos Andes, marcada por um bioma específico relacionado à montanha e às altas altitudes. No caso peruano, abarca os territórios do centro e do sul do país, e zonas localizadas entre os 3000 e 4500 metros acima do nível do mar.</p>
M	<p>Si <u>alairito</u> está llamando, si <u>alairito</u> está queriendo, ¿por qué dicen “como piedra”?</p>	<p>Se ela está chamando <u>alairito</u>, se ela está amando <u>alairito</u>, por que dizem “como pedra”?</p>	<p>alairito: vocabulário próprio da região de Cusco (cusquenismo) utilizado para se referir a algo que está completamente à vista.</p>
N	<p>de eso mi hija ha</p>	<p>Disso daí minha filha pegou</p>	<p>costado: vocábulo próprio da</p>

	agarrado <i>costado</i> y se ha muerto.	um <i>costado</i> e morreu.	região de Cusco (cusquenismo) para “resfriado”.
O	— <i>Pongos</i> también hay. — <i>Mit’anis</i> también hay.	<i>Pongos</i> também tem. <i>Mit’anis</i> também tem.	pongo: (do quéchua “punku” / “punco”) termo utilizado para designar os servos indígenas que trabalhavam como empregados domésticos nas fazendas. mit’anis: termo quéchua utilizado para designar o serviço doméstico que as camponesas da fazenda realizavam em turnos.
P	—¡ <i>Compañerokuna!</i>	<i>Companheirokuna!</i>	companheirokuna: em quéchua, a palavra “companheiro” no plural.

Fonte: elaboração própria.

Nos fragmentos anteriores aqui separados e analisados no **Quadro 5**, dentro da tradução do conto para a língua portuguesa, foi decidido manter algumas palavras tal como se encontravam na língua quéchua, assim como o próprio autor o fez no texto-fonte. Como a língua em questão tem muitas variações, assim como explicamos em nossa introdução, acreditamos que Hugo Blanco pode ter deixado tais palavras sem tradução por serem palavras com variados significados dentro das variações do próprio quéchua, também porque é comum na região misturar os dois idiomas, ou seja, o espanhol e o quéchua. O autor fornece, em boa parte dos casos, explicações para os termos em nota de rodapé ao longo do livro em espanhol, como no caso de ***achanqaray, yupi, Ilika, cocallay***, entre outras. Em nossa tradução decidimos ampliar as notas de rodapé e também optamos pela elaboração de um glossário que se encontra ao final do livro, onde adicionamos palavras que achamos importantes explicar de maneira mais ampla, para que os leitores pudessem ter mais claro a que se referiam dentro da obra.

É importante verificar a maneira criativa da colocação de tais palavras de uma forma proposital do autor, pois nos remete a pensar que ele mesmo tenta deixar claro a importância de se buscar saber mais sobre tais termos que desconhecemos. E que mesmo falantes do espanhol que não sejam igualmente falantes do quéchua desconheceriam, o que nos instiga, ou deveria instigar, a buscar suas significações. Neste

sentido, constatamos a importância de se ter a curiosidade de querer saber mais sobre não só o que querem dizer algumas palavras em outras línguas, mas o que elas carregam de cultura e significado dentro das lutas por sobrevivência de um povo, já que nem sempre o texto-fonte trazia tais explicações. Em outros casos, estas explicações nos pareciam, enquanto leitores do texto em espanhol, insuficientes, como no caso de “*llunk’us*”, termo usado para referir-se a alguém que é servil e que, no contexto empregado, poderia ser lido como sinônimo de “bajulador”, definição que se encontra ampliada no glossário elaborado.

Outras destas palavras estão diretamente ligadas ao vocabulário campesino das muitas regiões do Peru, que falam a língua quéchua até os dias atuais, além do espanhol. A maior parte delas foi introduzida no texto em português sem uma tradução, por entender-se que seria importante aproximar do leitor brasileiro esse universo do trabalho no campo da região em contexto que, apesar de poder ter funcionamentos análogos, não necessariamente seriam idênticos. Assim, tais termos se encontram acoplados também no referido glossário criado (inclusive porque muitos deles não são exclusivos do texto aqui abordado, mas se repetem ao longo da obra de Hugo), para o qual realizamos uma série de pesquisas, e que foi anexado ao final do nosso livro traduzido. São exemplos disso palavras como “*habilitado*”, que faz referência ao assalariado agrícola trabalhador na localidade de La Convención, e “*arrendire*”, que alude ao camponês oprimido pelo fazendeiro e, ao mesmo tempo, é opressor do habilitado.

É importante frisar que fizemos utilização e aplicação da estratégia pedagógica da intercompreensão para compreender o texto-fonte e automaticamente de maneira consciente também fizemos esse uso para criar nossa tradução, pois, como já citamos, Escudé e Del Olmo (2019) nos mostram que podemos fazer ligações cognitivas que nos possibilitam e contribuem para que consigamos compreender a origem das palavras dentro de um contexto, que nos remetem a uma similaridade com as línguas que são parecidas com a nossa língua materna ou com outras que aprendemos no decorrer de nossas vidas.

Nesse processo também foi de grande importância não buscarmos realizar a transposição do texto-fonte para uma equivalência do universo brasileiro, mas sim optarmos deliberadamente por levar o leitor a conhecer essas outras formas, presentes no Peru, e que fazem parte desse universo linguístico e cultural tão rico, que não pode ser apagado, mas pelo contrário, que repercute aos quatro cantos do mundo e não só para nós no Brasil.

Quadro 6: Outras formas de reconstruir a oralidade.

Fragmento	Texto-fonte em espanhol	Tradução em português	Outras possibilidades mais usuais em português
A	Iñección también no le ha hecho sanar,	Injeção também não fez ele sarar, benzer também não fez ele sarar.	Injeção também não lhe fez sarar, benzer também não.
B	Mejor, compañero, está bien que no lo cobren, si van a estar en la asamblea no creo que sean muy miedosos.	É melhor assim, companheiro, melhor eles não irem atrás, se eles vão estar na assembleia não acho que sejam muito medrosos.	É melhor assim, companheiro, não irem atrás deles, pois se estarão na assembleia não acho que sejam medrosos.
C	“Oy indio, el caballero no es un <i>cholo abigeo</i> como tú para que digas esas cosas, más bien es muy bueno con sus indios, porque si no ya te hubiera seguido juicio por falsa calumnia para meterte en la cárcel”.	“Escuta índio, o cavalheiro não é um <i>cholo abigeo</i> como você pra você ficar dizendo essas coisas, pelo contrário, ele é muito bom com os seus índios, porque senão já teria te colocado na justiça por falsa calúnia para te mandar para a prisão.”	“Escuta índio, o cavalheiro não é um cholo obigeo como você, para que fique dizendo essas coisas, pelo contrário ele é muito bom com os seus índios, porque senão já o teria levado a justiça por falsa calúnia e assim coloca-lo na prisão.”
D	Ellos mismos hacen las leyes a su antojo, nos exigen a todos que las cumplamos y ellos son los primeros en no cumplirlas.	Eles mesmos fazem as leis ao seu bel-prazer, exigem que todos cumpram e eles são os primeiros a não cumprilas.	Eles mesmos fazem as leis ao seu bel-prazer, exigem que todos (a cumpram) ou (cumpram) e eles são os primeiros a não cumprilas.
E	Jorge Carrión escucha el silencio de Condori, solo ese silencio, y lo respeta, lo guarda, lo cuida, lo conoce, lo deja ser;	Jorge Carrión escuta o silêncio de Condori, somente esse silêncio, e respeita, guarda, cuida, conhece, deixa ser;	Na tradução já fica de uma maneira de acordo com a norma padrão da escrita do português.
F	Coquita , compañero?	Um folhinhas de coca , companheiro?	Quer umas folhinhas de coca, companheiro?
G	No hay agua, pero con esto olvidará un poco la sed, y la fatiga, la coca le ayudará a llegar a T'impuq.	Não tem água, mas com isso esquecerá um pouco da sede, e da fadiga, a coca ajudará ele a chegar em T'impuq.	Não tem água, mas com isso esquecerá um pouco da sede, e da fadiga, a coca o ajudará a chegar em T'impuq.
H	“El Remigio Condori le ha traído, él mismo le ha alojado en su casa”,	“O Remigio Condori que trouxe, Condori mesmo hospedou ele na sua casa”	“Remigio Condori que o trouxe, Condori mesmo que o hospedou em sua casa”

I	Desde mis abuelos somos sus vaqueros y nunca nos han pagado: “Ustedes no pagan yerbaje tienen chacra de papas, con eso pagado”,	Desde os meus avós que somos os seus vaqueiros e nunca pagaram a gente : “Vocês não pagam pelo capim, têm a roça de batatas, com isso está pago”	Desde os meus avós que somos seus vaqueiros e nunca nos pagaram: “Vocês não pagam pelo capim, têm a roça de batatas, com isso está pago”
J	Cuatro días en cada semana tenemos que trabajar por las chacritas que nos da.	Quatro dias em cada semana temos que trabalhar pelas rocinhas que ele dá para gente .	Temos que trabalhar quatro dias por semana nas pequenas roças que ele nos dão.
L	Los puntitos han crecido y se han diferenciado ponchos y llijllas, la puna ha adquirido olor a gente, los ladridos de los perros se han convertido en meneos de colas alrededor de los dos viajeros y de quienes fueron a “ darles alcance ”.	Os pontinhos cresceram e já se pode diferenciar os ponchos das <i>llijllas</i> , a puna ganhou o cheiro das pessoas, os latidos dos cães se transformaram em rabos abanando ao redor dos dois viajantes e de quem foi receber eles .	Os pontinhos cresceram e já se pode diferenciar os ponchos das llijllas, a puna ganhou o cheiro das pessoas, os latidos dos cães se transformaram em rabos abanando ao redor dos dois viajantes e de quem foi recebê-los.
M	Uno de los recién llegados comienza a juntar emociones: un anciano le da su dolor de siglos; una madre su amor infinito;	Um dos recém-chegados começa a reunir emoções: um ancião dá a sua dor de séculos; uma mãe, o seu amor infinito;	Aqui também a forma que ficou na tradução está de acordo com a norma padrão/culta da língua portuguesa.
N	La escuchan todos los presentes , pero la palabra sigue. Estalla contra la gran roca y se esparce por los aires, como estrellas, como trigo.	Ela é ouvida por todos os presentes, mas a palavra continua. Ela arrebenta contra a grande pedra e se espalha pelos ares, como estrelas, como trigo.	Nesse trecho também a forma que traduzimos está de acordo com a norma padrão/culta da língua portuguesa.

Fonte: elaboração própria.

Analisando estes fragmentos anexados no **Quadro 6** é possível perceber que determinadas escolhas tradutórias buscaram evidenciar um uso da língua portuguesa de forma ou maneira mais oral, não exatamente expressa da mesma forma no texto-fonte em espanhol. Isso aconteceu porque existe no português brasileiro uma forte separação entre a língua escrita e a oral, no que diz respeito às estruturas sintáticas empregadas, por exemplo, que não se observa igualmente na língua espanhola. Para evidenciar esse tom

mais oral que buscávamos, uma das estratégias foi a utilização de pronomes sujeitos no lugar de pronomes de complemento, o que não é possível na língua espanhola. É o que temos nos fragmentos **A, G, H, I, J** e **L**, onde é possível ver claramente a tentativa de recriar o fenômeno da oralidade na escrita.

Nos fragmentos **A, G, H** e **L**, podemos ver a utilização do pronome sujeito **ele** ou **eles**, no lugar do complemento, que remete mais a oralidade do que a escrita de acordo com a norma-padrão do português (FANJUL, 2014). Na mesma direção, nos fragmentos **I** e **J**, temos a utilização de "'**a gente**", forma tônica no português, em lugar do complemento.

Nos fragmentos a seguir indicados podemos perceber outras formas de transformação do texto-fonte para a criação da nossa tradução, de uma maneira que continuasse mostrando o que tínhamos em mente de acordo com o nosso projeto de tradução, mas que não deixasse de transmitir aspectos que considerávamos fundamentais para garantir a beleza literária que o texto-fonte carrega, estando escrito em espanhol e atravessado pela língua quéchua.

É possível perceber os variados recursos empregados dentro da tradução para conseguir buscar essa oralidade, e dessa forma tentar mostrar e dar a oportunidade para o leitor brasileiro perceber a riqueza dessa leitura. Sendo assim, nos outros fragmentos abaixo explicamos um pouco mais sobre o que analisamos.

No fragmento **B**, fazemos a explicitação do pronome sujeito, não presente no texto-fonte em espanhol, característica bastante presente no português brasileiro, mesmo em casos em que a recuperação do sujeito é evidente.

No fragmento **C**, usou-se o pronome oblíquo de segunda pessoa "**te**" com o sujeito de terceira pessoa "**você**", uma mistura comum, especialmente nos usos mais coloquiais de nossa língua.

Nos fragmentos **D** e **E**, temos em espanhol a recuperação do complemento direto em "**la cumplamos**", no primeiro caso, e "**lo respeta, lo guarda, lo cuida, lo conoce, lo deja ser**", no segundo. Nesses casos, decidiu-se suprimir o complemento, por entender-se que ele poderia ser retomado no contexto, o que é bastante comum em português. Vale lembrar que a recuperação do complemento direto é necessária em espanhol, já em português, algumas vezes pode ser opcional, especialmente em textos orais.

Já no fragmento **F**, temos o uso da palavra "**coquita**", que poderia, no caso de uma tradução mais literal, correr o risco de gerar certa ambiguidade. Nesse sentido, resolvemos utilizar do uso do substantivo no diminutivo "**folhinhas de coca**", para

desfazer qualquer possível mal-entendido na tradução e, ainda, preservar o tom afetivo que o diminutivo fora empregado no texto-fonte.

No fragmento **M**, vemos como a língua espanhola costuma dar preferência, no caso de complemento indireto, à formas átonas, como em “*le da su dolor*”. Em português, esse uso não seria o mais esperado, especialmente em um texto com traços de oralidade/coloquial, no qual se esperaria a recuperação por meio de uma forma tônica (dá para ele/ela) ou a supressão do complemento, como vemos na tradução.

No fragmento **N**, vemos como a construção “*la escuchan todos los presentes*”, em espanhol destaca a passividade por meio da topicalização do complemento direto; em português, é mais comum a construção passiva com “ser”, como em “*ela é ouvida*”.

Em geral, na maior parte dos casos aqui reunidos, buscamos analisar como a utilização, em particular, dos pronomes demonstra uma distância entre as línguas portuguesa e espanhola, especialmente no que diz respeito à recriação da oralidade, já que em textos mais formais, seu uso pode ser mais parelho. Nesse sentido, a opção por explicitar pronomes de sujeito, incluir formas tônicas em lugar de pronomes de complemento e suprimir a recuperação de objetos diretos e indiretos foi uma das apostas, no sentido de domesticar o texto final da tradução, fazendo com que o mesmo se aproximasse mais da oralidade que percebemos fazer parte, ainda que de outra forma, do texto-fonte.

6 CONCLUSÃO

Neste estudo, exploramos como a tradução de maneira geral desempenha um papel crucial para o não apagamento de línguas minoritárias contidas nas obras. Aqui, em especial, tratamos da língua originária quéchua presente no livro *Nosotros los Indios* (2016), traduzido colaborativamente pelo Laboratório de Tradução da Unila entre 2019 e 2021 para o português, com o título *Nós xs Índixs* (2022).

A nossa decisão de traduzir o livro foi algo muito sério e gratificante de fazer, considerando o projeto de tradução proposto, que buscava recriar o texto em português sem deixar que a língua quéchua, que atravessa a escrita em espanhol e seu autor, fosse nele apagada.

O texto em espanhol trazia, como se demonstrou, algumas palavras em quéchua, muitas delas com traduções em notas de rodapé, proporcionadas por Hugo Blanco. Em nossa versão em português, essas palavras também foram deixadas no corpo do texto-

meta. Embora pudéssemos ter feito uma espécie de aproximação das palavras para a língua portuguesa, optamos por trazer os termos da maneira como foram colocados no texto-fonte, reunindo-os em um glossário.

Muitas das definições dadas pelo autor foram, contudo, ampliadas na tradução e, em outros casos, quando as palavras não se encontravam traduzidas, foram fornecidas explicações no glossário. Na mesma direção, esteve a decisão de manter estruturas próprias do quéchua, com a ordem sujeito-objeto-verbo (como em “**os filhos continua tendo**”), no texto-meta em português, apontando para uma estrangeirização do texto traduzido.

A mesma estratégia de estrangeirização esteve marcada em outros momentos do processo, quando introduzimos algumas palavras oriundas do universo campesino peruano sem traduzi-las, como no caso de “**arrendire**” e “**habilitado**”. Por entender-se que seria importante aproximar esse universo do trabalho no campo do leitor brasileiro, fazendo com que o mesmo pudesse conhecer esse funcionamento do campesinato do Peru, sem exatamente pressupor que não existam realidades paralelas, pois a opção de tradução poderia ter sido buscar equivalentes dessas funções no âmbito brasileiro.

Tal proposta vai na direção de um ativismo por parte dos tradutores, de entender a tradução como um projeto político, no sentido de mostrar a importância dessa língua originária, ao mantê-la propositalmente visível para o público brasileiro, mesmo que, por vezes, este se enfrentasse com certos estranhamentos na sua leitura. Confiamos que, a partir da intercompreensão (ESCODÉ, DEL OLMO, 2019), fosse possível que o leitor desse conta, em grande medida, desse efeito estrangeirizador (VENUTI, 1995) obtido em determinados momentos de nossa tradução, apesar de não dominar certos aspectos linguísticos e culturais.

Pode-se observar que não necessariamente as estratégias empregadas foram sempre as mesmas na (re)criação (CAMPOS, 2011) do texto em português. A partir de nossa percepção, o texto-fonte nos dá uma visão da oralidade nele introjetada, tanto na colocação de algumas palavras na própria língua quéchua, mas também na construção linguística e nas expressões ali encontradas em espanhol, tais como “*de a por gusto*” e o marcador “*pues*”, traduzidos respectivamente como “à toa” e “né”. Na tradução para o português houve diversas tentativas e opções para encontrar as palavras e maneiras de escrever que buscassem o efeito que desejávamos, de acordo com o referido projeto de tradução. Se, por um lado, era importante visibilizar aspectos da língua e cultura quéchua, também nos parecia necessário recriar o tom oral por nós lido na escrita de Hugo. Nessa direção, a opção foi domesticar (VENUTI, 1995) determinadas construções, deixando

nossas “digitais” na escrita do texto-meta em português, especialmente no que se refere à uma oralidade em nossa língua, através, por exemplo, de escolhas lexicais específicas.

Por outro lado, aspectos da oralidade observados no texto-meta, não diziam respeito ao texto-fonte, mas sim respondiam a usos comumente encontrados numa linguagem falada em português. Isso significa que a oralidade não necessariamente se encontra nos mesmos pontos nos dois textos (original e tradução). Dessa maneira, foi necessário encontrar onde utilizaríamos estratégias de compensação que fizessem com que o texto em português remetesse a esse tom mais oral que buscávamos imprimir à tradução. Assim, temos, por exemplo, o verbo “*balear*” em espanhol, traduzido como “**meter bala**”, e a expressão “*más peor*”, traduzida como “**mais pior**” opção que, do ponto de vista da norma padrão, não seria aceita em português, mas que é perfeitamente cabível em determinados falares orais.

No que se refere às construções, encontramos o uso da forma tônica “**a gente**” em lugar da primeira pessoa do plural “*nós*”, ou o uso da contração “**pra**” em lugar da preposição “*a/para a*”, vista em espanhol e, ainda, o uso de pronomes e colocações pronominais mais típicas da fala, como é o caso da explicitação de pronomes de sujeito mesmo quando recuperáveis pelo contexto (como em “*si van a estar en la asamblea*” por “**se eles vão estar na assembleia**”), o emprego de pronomes tônicos como complemento verbal (como “*la coca le ayudará a llegar a T’impuq*” traduzido por “a coca ajudará **ele** a chegar em T’impuq”), entre outros.

A partir da análise realizada, observamos que tais recursos eram importantes para concretizar o projeto de tradução, sem perder a essência poética e literária trazidas dentro da construção em espanhol atravessado pela língua quéchua, produzindo como efeito a (re/trans)criação do texto, no sentido de Campos (2011), não como forma de contemplar apenas o conteúdo da comunicação, mas aspirando a sentidos mais amplos, relacionados também ao que se entendia como o estilo do texto.

Ao trazer essas discussões ao longo do trabalho, espero não apenas evidenciar a urgência de medidas concretas para a preservação das línguas indígenas, na mesma linha do ativismo adotado por Hugo Blanco ao imprimir em seu texto em espanhol aspectos do quéchua, mas também inspirar novas iniciativas de análise e de tradução que possam contribuir para a manutenção e o fortalecimento dessas culturas. Desta forma, a tradução, mesmo no caso de textos que não se encontram escritos predominantemente em línguas indígenas, passa a se configurar como um elo vital na cadeia de resistência e resiliência dos povos originários, garantindo que suas vozes continuem a ecoar por todo o mundo.

7 REFERÊNCIAS

- ABES, Gilles Jean. A invisibilidade do tradutor: ofício, profissão e gestos de um artífice. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 47, p. 5-14, set./ dez., 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222447gja>.
- BEZERRA, P. A tradução como arte. **Gragoatá**. Niterói, n. 13, p. 23-31, 2. sem. 2002.
- CABRAL, Emiliana Sousa. O Resgate de uma Língua: A construção da escrita quéchua. **Muiraquitã**, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 7, n. 1, 2019.
- CAMPOS, HAROLDO. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Viva voz. Fale/UFMG, Belo Horizonte, 2011.
- DOLZ, J; GAGNON, R; MOSQUERA, S. La didáctica de las lenguas: una disciplina en proceso de construcción. Universidad de Ginebra (Suiza), **Didáctica, Lengua y Literatura**, vol. 21, p. 117-141, 2009.
- DEL OLMO, Francisco Calvo del; ESCUDÉ, Pierre. **Intercompreensão a chave para as línguas**. 1ª Edição – São Paulo: Editora Parábola, 2019.
- ESQUEDA, Marileide Dias. Tecnologias da tradução e a pedagogia colaborativa. **TradTerm**, São Paulo, v. 34, p. 48-80, outubro/2019. www.revistas.usp.br/tradterm
- FANJUL, A. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P., GONZÁLEZ, N. M. **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo: Parábola editorial, p. 29-50, 2014.
- GALDOS, Hugo Blanco. **Nosotros los indios**. *Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas, Programa Democracia y Transformación Global, Cusco: CBC, 2017, 2017.*
- GALDOS, Hugo Blanco. **Nós xs índixs**; Tradução de Torres et al. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2022.
- MÓDOLO, Parcival. Os incas: língua, cultura e música. Etnicidade e apropriações cultural-religiosas. **Revista USP**, São Paulo, nº 72, p. 143-156, 2007. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i72p143-156. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13577>. Acesso em: 7 set. 2024.
- RAMMÉ, Valdilena. Gramática da Intercompreensão. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 16, n. 2, abr.-jun. 2022, p. 589-618.
- UNIVERSIDAD NACIONAL DE HUANCAMELICA. **Lengua Quechua II**. Facultad de Educación: Huancavelica, 2014.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres: Routledge, 1995.

